

Ata Circunstanciada da 96ª Sessão Ordinária

ATA DE SESSÃO PLENÁRIA

**2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA 96ª
(NONAGÉSIMA SEXTA)
SESSÃO ORDINÁRIA,
TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL
PARA DEBATER A SITUAÇÃO ATUAL DOS AUTORIZATÁRIOS E
MOTORISTAS AUXILIARES DE TÁXI DO DISTRITO FEDERAL,
DE 31 DE OUTUBRO DE 2024.**

INÍCIO ÀS 15H19MIN

TÉRMINO ÀS 18H30MIN

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Está aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Dá-se início aos

Comunicados da Mesa.

Sobre a mesa, expediente que será lido por esta presidência.

(Leitura do expediente.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – O expediente lido vai a publicação.

Sobre a mesa, as seguintes atas de sessões anteriores:

– Ata Sucinta da 38ª Sessão Extraordinária;

– Ata Sucinta da 94ª Sessão Ordinária.

Não havendo objeção do Plenário, esta presidência dispensa a leitura e dá por aprovadas sem observações as atas mencionadas.

Comunicado da Presidência.

Informo que, na sessão ordinária de ontem, dia 30 de outubro, o deputado Pastor Daniel de Castro se pronunciou como líder. Solicito ao Setor de Registro e Redação Parlamentar e ao Setor de Tramitação, Ata e Súmula que considerem a fala do deputado durante o período dos Comunicados de Parlamentares.

Em razão da aprovação do Requerimento nº 1.649/2024, de autoria do deputado João Cardoso, a sessão ordinária de hoje será transformada em comissão geral para debater a situação atual dos autorizatários e motoristas auxiliares de táxi do Distrito Federal.

Convido todos os deputados e todos que desejarem a participarem deste debate no plenário.

(A sessão transforma-se em comissão geral.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – A presidência vai suspender os trabalhos.

Está suspensa a sessão.

(Suspensa às 15h23min, a sessão é reaberta às 15h42min.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Hoje, dia 31 de outubro de 2024, às 15 horas e 42 minutos, declaro reaberta a presente comissão geral para debater a situação atual dos autorizatários e motoristas auxiliares de táxi do Distrito Federal.

Sob a proteção de Deus, reiniciamos os nossos trabalhos.

Damos as boas-vindas a todos os presentes.

Convido para compor a mesa de trabalho as seguintes pessoas: o subsecretário de Serviços da Secretaria de Estado de Transporte e Mobilidade do Distrito Federal, Walisson Perônico, que já foi meu chefe, como subsecretário da Secretaria de Justiça e Cidadania – eu era o coordenador que tratava de

direitos humanos e cidadania –; o chefe de gabinete da Secretaria de Estado de Proteção da Ordem Urbanística do Distrito Federal – DF Legal, meu amigo e auditor José Airton Lira; a coordenadora de Transporte Individual da Secretaria de Transporte e Mobilidade do Distrito Federal, Viviane Aparecida; o presidente do Sindicato dos Permissionários e Motoristas Auxiliares de Táxi do Distrito Federal, nosso amigo Sued Silvio; o presidente da Associação dos Taxistas do Distrito Federal, José Araújo; o presidente da Coobrás Rádio Táxi, Sergio Aureliano; o vice-presidente do Sindicatos dos Auditores de Atividades Urbanas do Distrito Federal, Artur Carlos; o representante da comissão dos taxistas do aeroporto, Erick Eduardo.

Quero lembrar que estão abertas as inscrições. Nós vamos abrir a palavra para 10 inscritos. Parece-me que já há 7 pessoas inscritas. Ao meu lado direito, está a Carol e a Ana Helena, que são nossas assessoras. Caso queiram se inscrever para fazer uso da palavra, chamem-nas, que elas vão até vocês para pegar o nome direitinho e trazer os cartões para mim. Vocês poderão fazer uso da palavra de onde estão ou daqui do púlpito.

Início esta comissão geral com muita alegria. Só não estou totalmente alegre porque não consegui realizar algo que desejava fazer nesta manhã. Liguei cedo para a chácara onde está meu pai, João Cardoso, que chegou aqui em 1958. Ele sempre diz que é o João Cardoso original, e eu sou o outro. Meu pai trabalhou como motorista de ônibus e taxista. Aposentou-se como taxista. O seu número de permissão era TX 1731.

Certa vez, enquanto eu visitava um dos pontos de táxi na Asa Norte, aquelas construções antigas específicas para táxis, conversei com os taxistas e um deles falou: “O 1731 está aqui”. Eu falei: “Não acredito”. Vocês acreditam que o táxi chegou lá? Eu tirei uma foto, mandei-a para o meu pai, e ele ficou emocionado ao ver a permissão dele.

Como falei, não estou completamente feliz, porque eu queria ter trazido meu pai aqui. Hoje ele tem 88 anos. Ele tem vontade de, ainda hoje, dirigir até o Rio Grande do Norte, mas não permitimos obviamente. Ele trabalhou como taxista por muito tempo.

Tenho orgulho de ser filho de taxista. Lembro-me de que, todos os dias, lavávamos o táxi dele. Meus irmãos mais velhos começaram essa tarefa. Depois, eu e Fernando, os mais novos, fazíamos essa tarefa todo santo dia. Houvesse chuva ou fizesse sol, o táxi precisava estar limpo. Quando questionávamos ao papai: “Mas está chovendo, amanhã o carro não vai estar enlameado, não”. Ele respondia: “Pode ser que amanhã não esteja chovendo, e eu tenho que sair com o táxi limpo”. Então, todo dia lavávamos o carro.

Recordo-me de quantas vezes eu tentava deitar mais cedo, mas ele nos chamava: “Levantem-se, vocês têm que lavar o carro”. Além disso, o ajudávamos a descarregar as compras do táxi. Aquela foi uma época marcante, talvez poucos aqui a tenham vivido.

Recentemente, Walisson, eu conversei com o conselheiro do Tribunal de Contas Manoel de Andrade, o Manoelzinho, e ele falou: “Não acredito, não” – com aquele jeito dele de falar. Eu falei: “Manoelzinho, nós votamos em você em 2 eleições”. Meu pai, que era taxista, e toda a minha família votavam no Manoelzinho. Ele só ria enquanto conversávamos. Eu comentava com ele os casos.

Relembrei que, naquela época, os taxistas recebiam exclusivamente em dinheiro. Não havia outra opção, era tudo pago em dinheiro. Meu pai tinha um ímã, onde guardava todas as moedas. Eu ficava olhando para elas, desejando lanche, comprar um dindim na escola. Eu perguntava: “Papai, posso pegar?” Ele respondia: “Pode”. Nós, então, tirávamos o dinheiro do ímã. Além do ímã, ele andava com um bolo de dinheiro.

Era uma época perigosa, em que aconteciam muitos assassinatos – não foram poucos, não. Houve uma onda de sequestros de taxistas fora do comum. Quando dava o horário de chegada dele em casa, e ele não chegava, nós ficávamos preocupados. Não havia linha de comunicação. A única alternativa era ligar para o ponto de táxi, onde normalmente ninguém atendia ao chamado.

Ele poderia estar na rodoviária ou no aeroporto. Onde mais ele poderia estar? Não havia comunicação, ainda não havia rádio. Depois é que houve a implantação do rádio nos táxis. Inclusive, acho que havia uma cooperativa chamada Cooperbras... Existia uma com esse nome?

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Era uma bem antiga, de uns 42 anos.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Sim, era esta: a Coobrás. São vocês mesmo, da

Coobrás.

Foi nessa época que colocaram rádio nos táxis. Meu pai, de tanto falar no rádio, pegou a mania de falar conosco com a mão na boca. Falávamos: "Papai, tire a mão da boca para que possamos entender". Ele tinha se habituado a falar dessa maneira, com a fala abafada pela mão.

Naquela época era assim: ligávamos na central e pedíamos para saber, via rádio, onde ele estava. Muitas vezes, ele não atendia. Foi um tempo de muita aflição em Brasília. Talvez alguns tenham vivido isso.

Em Sobradinho, há um permissionário até hoje, o Xuxa. Vocês o conhecem? Ele tem um empório e uma banca. No empório, ele tem um táxi até hoje. Eu o conheço, pois é amigo do meu pai.

Meu pai era chamado pelo apelido Boca Rica. O apelido do Xuxa é porque ele é bem galego e tem olhos azuis. Meu pai era Boca Rica porque tinha 2 dentes caninos de ouro, que depois ele veio a tirar. Por quê? Porque, certa vez, ele foi pego por vagabundos na reta da Estrutural. Eles anunciaram o assalto. Havia um código com a polícia – não sei se era um sinalzinho de luz que se dava. Havia um posto policial lá na frente, na Estrutural. Meu pai fez o sinal. Os caras disseram que pegariam o dinheiro todo – e pegaram – e falaram: "E vamos levar você, pois queremos esses dentes de ouro".

Meu pai, pelando-se de medo, fez o sinal, viu que os policiais o viram, abriu a porta do carro e pulou. Os vagabundos também pularam do carro, correram para o lado da mata do Parque Nacional e sumiram. Depois, o carro parou, porque bateu no meio-fio, graças a Deus.

Meu pai disse que o medo maior dele não era tanto ser alvejado e morto pelos bandidos, mas sim, ter os dentes de ouro arrancados, pois o cara falou: "Vou tirar os dentes de ouro dele com ele vivo". Imaginem!

Adivinhem o que meu pai fez logo depois do ocorrido? Tirou os dentes de ouro, e não sei o que ele fez com eles. Deve tê-los vendido. Enfim, essa é a história do apelido dele, Boca Rica.

Logo depois, veio o rádio, que melhorou um pouquinho o serviço. Só tínhamos, naquela época, os táxis. Não havia outra opção – ou era ônibus ou era táxi. Ele fazia lotação de Sobradinho para o Plano Piloto. Meu pai sempre ia e voltava com o carro cheio. A vida do taxista era bem diferente da que é hoje, principalmente por causa do advento dos aplicativos. Eles surgiram, houve toda aquela confusão, mas hoje são uma coisa mundial. Inclusive, já visitei países em que os serviços de aplicativos são muito mais utilizados do que os dos táxis – talvez seja assim no Brasil.

Não tenho dúvida de que vocês, como taxistas, perderam muita qualidade de vida, perderam muito em relação ao ganho de vocês e em relação à valorização da profissão de vocês.

Embora existam várias taxas de isenção, penso que temos que procurar – esta comissão geral tem como objetivo principal isto – criar situações que possam beneficiar vocês. Aqui, nós estamos com o Poder Legislativo, o Poder Executivo e o poder do voto e do povo, que são vocês. Que possamos melhorar seus direitos como taxistas e como profissionais.

Muitos falaram sobre a questão da idade dos carros. Fizemos a lei que mudou de 8 anos para 10 anos.

Entendo as situações de um lado e do outro. Fui muito procurado por taxistas justamente por conta disso. Os táxis passam por várias vistorias, não podem andar sem calota, não podem andar batidos, porque, senão, a fiscalização os autua mesmo. E não é a mesma coisa com o Uber – não é, Artur? O Artur é especialista em trânsito e é auditor fiscal de trânsito. Quando passa um Uber por você, como auditor, você não sabe quem é o Uber. Então, muitas vezes, o cara está com o carro batido, mas pode rodar. O taxista não, o taxista tem que arrumar. Então, existe uma desigualdade muito grande.

Eu também conversei muito com vários de vocês. Houve aquele *show* agora, nesse final de semana, do Bruno Mars. Eu nem sabia quem era o rapaz. Falaram para mim que era no estilo do Michael Jackson. Eu fui assistir ao show. Os meninos falaram: "Pai, vai com a minha mãe". Eu falei: "Meu filho, se fosse o Michael Jackson, eu iria, porque era da minha época". Mas aquele rapaz eu não conhecia. Fui ver, e o rapaz tem até o estilo. Lotou o local de gente.

Eu falava que, uma vez, eu estava ali e o meu filho pediu Uber. Um dos taxistas falou algo para mim. É interessante, porque ninguém sabe disto, mas eu comecei a disseminar a informação. Falaram que sai mais barato ir de táxi do que ir de Uber.

No aplicativo, existe uma inteligência artificial. Ela começa a calcular que está havendo muita procura, consequentemente a taxa vai lá em cima. Eu falei: "Procure agora" – eram 2 horas da tarde – "quanto está para a arena, no aplicativo". Ele baixou o valor. Para o *show*, foram 4 dos meus filhos –

eu e a dona Regina temos 8 filhos. Deu um respectivo valor. Então, falei para ele baixar o aplicativo de táxi. "Existe aplicativo de táxi, pai?" Existe aplicativo de táxi, sim. Todos eles conseguiram baixar o aplicativo de táxi. Eu falei: "Na hora de sair do estádio, teste um outro, ou então vá lá no taxista". Todos vieram para casa de táxi. Foi justamente o que vocês me falaram. Isso tem que ser divulgado, gente, porque o sistema diz que, se for de táxi, sai caro. Voltar de táxi sai muito mais barato do que de aplicativo. Você não sabe nem o que o camarada está fazendo.

Tenho certeza de que os aplicativos não se conhecem, mas vocês se conhecem. Isso eu vejo com o Régis. Eu falo do Régis, porque ele é de Sobradinho, sempre está lá. Vejo o Régis de uma forma diferente. Eu olho e, de repente, eu observo que o Regi pode ter consumido uma bebida alcoólica e está ali com o táxi. Eu vou chamar a atenção do meu colega taxista. E os motoristas dos aplicativos vocês conhecem? Não.

Eu conheci um numa época dessa passada, Walisson. Minha esposa falou: "Ah, eu estou achando tão bom". Eu perguntei: "O quê?" "O Pedro está me levando lá na regional de ensino" – ela é a professora – "ele me deixa lá e vai me buscar todo dia de tarde; às vezes, eu estou muito cansada de manhã" – porque ela trabalhava em um período de 20 horas – "Ele está fazendo isso, me levando e me buscando no meu Corolla". Eu falei: "Que interessante! Que bondade é essa?" Eu falei: "Pedrão, o que você está fazendo, filho? Você está indo para onde com esse carro?" Falou: "Não, pai, eu cadastrei. Agora sou Uber."

Isso com o carro da mamãe. (Risos.) À tarde, ele ficava fazendo Uber, enquanto a mãe estava no trabalho. Eu falei: "Quem vai pagar a manutenção do carro, pneu, combustível?" A Regina perguntou: "Você está fazendo Uber, Pedro?" "É." "Como é que você fez?" "Eu baixei aqui o aplicativo e me cadastrei". Eu falei: "Descadastre agora". Pronto. Acabou a conversa. É tão simples que o meu filho estava trabalhando de Uber. Quem sabia? Nem eu nem minha esposa sabíamos que ele estava fazendo Uber, naquele período, Paulo, em que ele ficava ali, em que minha esposa ficava trabalhando.

Essa disparidade é grande. Eu tenho visto em outros lugares, outros estados, em outros países, várias tipificações de táxi. Muitos já comportam um número maior de passageiros. Muitas vezes, você pega uma turma grande. Imaginem eu chegando de viagem com minha família ao aeroporto. Tenho que pegar 3 ou 4 táxis se estiverem os netos e as noras.

Muitas vezes há carros de táxi maiores. Há também aqueles carros com carroceria. Há passageiro que não está levando simplesmente 2 malinhas e quer ir para Brasília – Planaltina de Goiás – levando uma grande bagagem. O que custa tentarmos fazer com que esse carro utilitário que também leva passageiro possa ser adquirido com isenção para vocês?

Hoje há o sindicato, que já existia, e as associações. Eu entendo isso e acredito que aconteçam divergências em vários assuntos. Mas eu quero dizer para vocês que hoje nós estamos aqui com um único objetivo.

Há, ainda, projetos de lei caminhando. O Manoelzinho me falou que iria se aposentar do tribunal e voltar para a praça. Eu falei para ele voltar, mas ele me disse: "Já temos um deputado. Você finge ser taxista e os representa para mim". Eu concordei e perguntei: "Você ainda morre de amores pelo táxi, né?" E ele respondeu: "Morro de amores".

Eu estou aqui, gente, atendendo a todos. Eu não tenho preferência nenhuma por x ou y. Eu estou aqui para atender a todos vocês, independentemente da cor, da crença, da ideologia. Quero que esta sessão construa o melhor para vocês. Este é o objetivo desta mesa: começarmos a construir algo que fique melhor para vocês. As ideias não vão sair da minha cabeça, elas vêm de vocês. Aqui somos apenas o padeiro: vocês dão a receita e eu faço o pão do jeito que vocês quiserem. É por isso que propusemos esta comissão geral.

Como eu falei para vocês, eu também sou servidor público – sou auditor fiscal de atividades urbanas, com uma carga de 40 horas, e também sou professor da Secretaria de Educação. Estou na Câmara Legislativa pelo segundo mandato. Esses 2 mandatos foram construídos com muito trabalho, sem investimento algum, porque ninguém deve investir para chegar ao mandato – as contas não batem.

Acredito que o mandato tem que ser construído voto a voto pelas pessoas que confiam no trabalho do candidato. E assim nós construímos nosso primeiro e nosso segundo mandato. Hoje eu acompanho 89 carreiras de servidores públicos e vários segmentos da sociedade civil, como vocês, os taxistas.

Vou passar a palavra para vocês para que vocês façam proposições. Faremos um compilado

disso tudo – o Paulo César está ali afazendo anotações, e nossa sessão está sendo gravada. Faremos um compilado de tudo o que for falado para que, junto com o poder público, possamos avançar nas melhorias para o táxi, porque vocês precisam disso. Vocês ficam em desvantagem, com certeza, em relação aos aplicativos. Eles têm ajudado bastante também, não resta dúvida.

Eu digo a vocês: meus filhos às vezes pedem aplicativo e eu já falei para eles olharem o veículo e conferirem direitinho tudo o que está acontecendo, para observarem o carro que está chegando e, se não estiver de acordo, se alguma coisa estiver errada, para que digam: “Desculpe-me, neste carro eu não vou”. E eu falo para eles: “Verifiquem o aplicativo do táxi também, porque o táxi, eu tenho certeza, vai chegar com um motorista que é habilitado, que é credenciado, em um carro que está com a manutenção em dia e que não vai colocar sua vida em risco”.

Eu estava agora na Pedreiras Contagem, na Fercal, com nosso amigo Salvio, que é dono da pedreira, almoçamos juntos. Conversando, ele me disse que ele e um empresário amigo dele, uma vez, entraram num carro de aplicativo, no Rio de Janeiro. Ele falou para o empresário: “Manda parar agora, porque não vou nesse carro mais”. O empresário: “Por que isso, rapaz?” Ele falou: “Manda parar agora, senão vou abrir a porta e vou descer”. Isso por causa das tantas irregularidade que o camarada estava cometendo no trânsito.

Estamos aqui para valorizar os taxistas, valorizar todos vocês, valorizar o sindicato, valorizar as associações e fazer com que vocês estejam sempre em comunhão, porque nada na vida se constrói em desconunhão. Tudo na vida se constrói em comunhão. É nisso que acredito. Em comunhão podemos construir tudo.

Na Câmara Legislativa, tenho feito isso no primeiro e no segundo mandatos, como já falei. Alguns paradigmas quebramos na Câmara Legislativa. Primeiro, porque sou deputado amigo dos 23 deputados tanto no primeiro quanto no segundo mandatos, como também tenho amizade e respeito por todos do Executivo. E é assim que temos construído nosso mandato. Devemos construir pontes e não destruir pontes. Vamos construir.

Eu gostaria de agradecer a presença de vocês.

Vamos ver como podemos construir algo. Se precisarem do Legislativo ou do Executivo, podemos caminhar junto com vocês, porque, melhorando-se as condições de trabalho de vocês e de ganho também, vamos melhorar a prestação de serviço para a população do Distrito Federal.

Muito obrigado. (Palmas.)

Há deputados que não estão presentes, mas que, possivelmente, seus assessores estão assistindo a nós.

Vou passar a palavra aos membros da mesa.

Concedo a palavra para o representante da comissão dos taxistas do aeroporto, o senhor Erick Eduardo Rodrigues.

ERICK EDUARDO RODRIGUES – Boa tarde a todos, senhores e senhoras. Boa tarde, excelentíssimo deputado João Cardoso, subsecretário Walisson, todos os componentes da mesa.

Sou o Erick Eduardo, faço parte da comissão composta por 5 taxistas que foram escolhidos pela categoria no dia 12 de setembro. Por desejo de uma maioria, decidimos nos manifestar pelas melhorias no sistema de corridas no aeroporto, porque era por meio de um aplicativo. A categoria, na sua maioria, achou melhor que fosse feito por meio de uma prancheta, por fila indiana. A maioria decidiu escolher 5 membros desta comissão. São eles: Paulo Henrique; Ranolfo Cardoso; Wesley Chaves; Maurício Lucena, como sempre, meio tímido, está lá em cima; e o que vos fala, Erick Eduardo.

Agradecemos, primeiramente, por esta grande oportunidade que temos, através desta audiência pública, de expor alguns desejos da categoria, algumas necessidades, alguns anseios. Entre eles, há um de caráter emergencial, que é o reajuste da tarifa, deputado João Cardoso. Eu sei que, muitas vezes, nós paramos na parte técnica, nós nos preocupamos muito com planilha, em mostrar o porquê de um reajuste, mas, de uma maneira muito simples, se observarmos em 8 anos a inflação, foram 8 anos sem reajustes. Não precisamos ir muito longe: 30% seria o mínimo, hoje, que a categoria necessita de imediato para uma tarifa que está totalmente defasada.

Curitiba, ano passado, recebeu 29% de reajuste na sua tarifa. Este ano recebeu mais 6%. Nós estamos há 8 anos sem nenhum reajuste.

Aproveito para pedir, em caráter de socorro, o que nós perdemos em 2010, que foi a nossa tarifa de bandeira 2 no mês de dezembro. O deputado João Cardoso falou que ele se alegrava muito,

em dezembro, quando seu pai chegava em casa e dizia assim: “Meu filho, agora eu tenho 13º”, porque ele fazia uso da bandeira 2 no mês de dezembro. Ele tinha alegria de trazer esse valor para casa.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Havia também, não sei se ainda há, uma plaquinha que o taxista virava e fazia um barulho. Acabou aquilo? Mas tínhamos de ficar de olho, para não passar a bandeira 2 antes da hora.

ERICK EDUARDO RODRIGUES – Essa bandeira 2 existia quando a viagem era para cidades mais longe.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Desculpem, quebro o protocolo e registro a presença de Sarinha, servidora da Câmara Legislativa, que nos serve café, um anjo. Registro também a presença da Rose, que está ali. Obrigado, Rose.

Eu falei da plaquinha porque muitos, por serem jovens, não conheceram o taxímetro de antes. Era uma bandeirona em que se mexia com a mão. Ela fazia um barulho, mas vocês não conheceram isso, não. A bandeira 2 era vermelha, não é isso? Era manual, Paulo, depois passou a ser digital.

ERICK EDUARDO RODRIGUES – Sua colocação foi muito boa, deputado, porque nós estamos vivendo tempo só de perdas, essa foi uma delas. Por que existia bandeira 2 para esses locais? Porque o taxista não tinha o retorno de uma cidade como Taguatinga, Sobradinho ou Gama. Então, essa bandeira 2 era acionada para compensar o retorno dele vazio. Tínhamos a bandeira 2 em dezembro.

Hoje, a categoria está aqui e pede para a secretaria uma intervenção para que possamos ter este ano o uso dessa bandeira 2, pelo menos como um socorro. Nossa categoria está há 8 anos sem nenhum reajuste e, dentro dessa inflação, se pegarmos um litro de gasolina há 8 anos e o que é a tarifa de táxi hoje, nós estamos totalmente defasados. Essa seria uma das primeiras necessidades.

O senhor falou em um aplicativo muito importante para o táxi. Eu digo que isso é necessário, porém a categoria não consegue mais suportar qualquer tipo de gestão empresarial. Nós não podemos ter um aplicativo por meio de empresários, de empresa privada. Nós precisamos de um aplicativo público.

O governo poderia presentear a nossa categoria com um aplicativo por meio do qual a sociedade tenha o direito de pedir a sua corrida. Por meio desse aplicativo, o taxista fará uma corrida para Taguatinga, Ceilândia ou Sobradinho, a população poderá pedir um táxi, e o taxista terá o retorno dessa corrida. Precisamos disso. Temos a necessidade de um aplicativo público.

Pedimos, em caráter de socorro, a implantação da bandeira 2, em 2024, para salvar o nosso ano. Assim, poderemos levar, pelo menos no final do ano, algo útil para as nossas famílias. Queremos passar pelo menos o final de ano em condições de levar algo novo para as nossas famílias, como não levamos há muito tempo.

Quero agradecer ao subsecretário Walisson, porque ele tem aberto uma porta na subsecretaria não só para os sindicatos e as associações. Ele tem ouvido a categoria. Ele nos permitiu mostrar alguns pontos que precisavam ser revitalizados. Eles já começaram a ser visitados. Agradeço ao Walisson. Em nome da categoria, obrigado. Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Ceilândia já foram visitados, e vão começar as reformas.

Pedimos a reformulação da Portaria nº 100. Pedimos que a categoria seja ouvida e tenha o direito de gerir aquela fila no aeroporto, que essa fila não seja explorada financeiramente. De uma corrida que fazemos, em média, por 40 reais, nos cobravam 5 reais. Essa corrida caía para 35 reais. Se gastávamos 1 litro de gasolina, 6 reais, essa corrida caía para 29 reais. Voltávamos vazios para o aeroporto. Se fizermos as contas, veremos que não levávamos nada para casa. Ficava parte com os empresários, parte com o posto de gasolina.

A categoria está aqui hoje, em peso, para dizer que não suporta mais estar nas mãos de empresários. Queremos algo que favoreça a categoria. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado pelas palavras.

Concedo a palavra ao vice-presidente do Sindicato dos Auditores de Atividades Urbanas do Distrito Federal, meu amigo e especialista na área de transportes, Artur Carlos.

ARTUR CARLOS DE MORAIS – Boa tarde a todos. Cumprimento meu amigo deputado João Cardoso e lhe agradeço o convite. Na pessoa de sua excelência, cumprimento todos à mesa. Também cumprimento toda a família de taxistas que está presente hoje.

Quero falar, rapidamente, sobre 3 aspectos. O primeiro é a minha atividade como servidor do

Distrito Federal e auditor de atividades urbanas. Sou da Secretaria de Mobilidade há quase 32 anos e trabalho na área de fiscalização.

Trabalhei pouco com táxi. Para vocês terem uma ideia, neste ano, eu trabalhei 1 mês com táxi. No restante do tempo, trabalhei mais com o sistema de ônibus. O Eldo ainda era do antigo DCP, isso faz muito tempo.

Como diretor do sindicato, recebi algumas informações, como foi falado aqui, principalmente com relação à questão do aeroporto.

Não é o auditor que decide o que ele vai fazer, é a legislação: a Lei nº 5.323 e a portaria mencionada aqui. Ele recebe uma ordem baseada na legislação. Eu sei que houve problemas no aeroporto, fizeram filmagens, houve xingamentos. O auditor é um trabalhador que cumpre ordens. Se ele não fizer o que o mandam fazer, ele responde a um processo.

Ninguém é contra nenhum trabalhador. Se o pessoal está lá, é porque recebeu uma ordem para isso. Nenhum auditor acorda de manhã e decide prejudicar alguém. Isso não existe.

Peço a vocês que, se tiverem que filmar, gritar ou xingar, não façam isso com o auditor. Façam com quem emitiu a portaria, com quem enviou o auditor para lá. Nós também somos trabalhadores.

Como o deputado João Cardoso disse, eu sou estudioso da área de transporte. Toda a regulamentação de táxi foi muito importante durante muitos anos para proteger o serviço e o patrimônio de vocês. Hoje, o patrimônio de vocês não representa nada do que era há 30 anos. Tudo está evoluindo. Vocês precisam evoluir também. (Palmas.)

Na minha opinião, como pesquisador da área de mobilidade e transporte, o que atrapalha é o apego de vocês à regulamentação existente. Enquanto os aplicativos não têm regulamentação alguma, vocês estão amarrados.

Isso precisa ser revisto, mas não é simplesmente liberar tudo. Não é assim que funciona. Tem de ser algo decente, pensado por quem é da área junto a vocês. Não deve ser decidido por alguém de fora. Vocês precisam ser ouvidos, precisam opinar.

Para finalizar, já que meu tempo está acabando, eu gostaria de falar como sindicalista, função que exerço há alguns anos. Nenhuma categoria chega a lugar nenhum com divisão. Se há 10 lideranças, cada vez que elas se sentam à mesa estão se sentando 10%, porque 9 delas não vão. Dizem: "Sou contra ele". Então, 9 não vão. (Palmas.)

Se as 10 lideranças em vez de trabalharem por si para manter o poder trabalharem pela categoria, aí, sim, 100% delas se sentarão à mesa para negociar. Falo isso como sindicalista, porque, apesar de não trabalhar com vocês, acompanhei, durante muitos anos, a involução do poder de vocês. O deputado João Cardoso falou do Manoelzinho, da Mariazinha e de outros. Desde a época dessas pessoas, vocês involuíram no poder de barganha e de negociação.

Pensem nisto: não pode haver inimigos entre vocês. Posso pensar: "Eu não gosto dele". Que se dane! Eu me sentar com ele para pressionar quem me atrapalha é o que vai levar comida para minha casa.

Obrigado, mais uma vez, deputado João Cardoso, pelo convite.

Espero que vocês consigam, sim, melhorar e ser o que já foram no Distrito Federal. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Artur.

Concedo a palavra ao senhor presidente da cooperativa de táxis Coobrás, Sergio Aureliano.

SERGIO AURELIANO E SILVA – Boa tarde a todos.

Essas foram palavras bonitas. O rapaz fala que não evoluímos. Eu discordo dele com relação à não evolução do táxi. Hoje há aplicativos de táxi e as melhores frotas de carro do Brasil são de motoristas de táxi. Atualmente, há piratas no Brasil todo, e o que eles estão fazendo com o Brasil é devido à falta de governo.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Desculpe-me. Há piratas?

SERGIO AURELIANO E SILVA – Piratas de aplicativos.

Hoje o trabalho do táxi é legalizado. Em todas as capitais, o táxi possui certidão criminal e o motorista de táxi precisa fazer curso de capacitação.

Deputado João Cardoso, desculpe-me, pois fiquei meio nervoso e não cumprimentei a mesa e

os demais. Cumprimento o senhor, deputado João Cardoso. Peço-lhe desculpas porque fiquei muito triste com as palavras dele.

Não devemos aplaudir quando a pessoa fala que o táxi não evoluiu, porque os táxis estão em evolução há muito tempo. Claro que, quando a Uber chegou ao Brasil, todos acharam maravilhoso. E realmente foi: a Uber chegou dando balinhas e corridas de graças. Isso acabou. As pessoas que compraram Corolla, naquela época, e foram às audiências defender a Uber, pagos pela Uber, não estão mais na empresa. Acabaram os carros.

A Uber colocou o UberX, e o motorista se torna escravo do serviço: ele trabalha 12 horas e não consegue levar pão para casa. Com a corrida custando 1 real por quilômetro rodado e a gasolina custando 6 reais, como ele vai levar pão para casa? Por isso os carros de Uber estão todos acabados, com pneus carecas. Todos os motoristas de Uber vão às borracharias comprar pneus recapados, porque eles não têm condições de ter um carro com pneus bons.

Com os táxis é diferente: fazemos a vistoria dos táxis 1 vez por ano quando o carro é novo. E, quando o carro tem (Ininteligível.), a vistoria é feita 2 vezes por ano.

Na vistoria, o carro tem de estar com o pneu novo, não pode haver um amassado ou um arranhão. O motorista tem que ter uma máquina de cartão. O motorista tem de estar bem-apresentado, tem que estar bem-vestido. Então, isso tudo tem um custo.

Hoje, o taxista é um herói! Os taxistas de Brasília e de todo o Brasil são heróis, porque são eles que estão segurando essa tecnologia. (Palmas.)

Eles falam em tecnologia, que é uma palavra bonita, deputado. Mas, por meio dessa tecnologia, sua filha de 17 anos, que está em uma balada, entra em um carro de aplicativo cujo dono decidiu se cadastrar na Uber, sair dirigindo e acabou de fumar uma maconha. O cara irá pegar a sua filha de 17 anos, colocá-la dentro desse carro. Sabe-se lá o que ele irá fazer com a sua filha! E não há nenhum poder público que segure isso.

Hoje, em Brasília, no Aeroporto de Brasília e na Rodoviária Interestadual são os lugares em que mais há pirataria. Há brigas, a polícia vai lá. Nesta semana, passou no DFTV o cara falando: "Eu vim hoje, virei amanhã, virei depois e acabou! Ninguém vai me tirar daqui." Como é possível o cara fazer a pirataria na Rodoviária Interestadual, no Aeroporto de Brasília, a população ficar à mercê do cara e ninguém fazer nada? A polícia não pode prender o cara?

No Aeroporto de Brasília, não pode haver um policial militar para ver isso? Há uma rodoviária onde circulam mais de 600 mil pessoas, e não há policiamento para ver que o cara está aliciando o passageiro na cara dura? E há outra coisa: não cobram a tarifa normal!

A tarifa deles é a seguinte, deputado. Por exemplo, para uma corrida de táxi de um evento do Centro de Convenções para Aguas Claras, que custaria de 78 a 100 reais, eles cobram 300 reais! E população tem que ir, porque não há ninguém que possa coibir isso! Eu falo: "Por que vocês não foram no táxi? O táxi estava na fila".

Porém, a pessoa olha e diz: "Não, eu vou de Uber em função da tecnologia". Eu me questiono: a pessoa vai entrar em um carro cujo motorista está lhe roubando? Eu canso de falar para a minha sobrinha: "Vocês vão para show? Vão de táxi! O motorista do táxi irá ligar a bandeira, e o preço cobrado será o valor justo, que é o que o governo decretou." O governo fez o estudo para chegar àquela tarifa.

Nós estamos com a tarifa há 8 anos defasada! Galera, faz 8 anos, e o governo não olha para a categoria! Fala: "Eu não quero papo com esses caras!" Como ele não quer papo com a categoria que cuida do turismo, que cuida das pessoas de bem de Brasília?

Para finalizar a minha fala, a minha tristeza quando você fala que o táxi não evoluiu é por isso. Nós evoluímos, sim! Hoje, Brasília tem a melhor frota do Brasil! Hoje, a nossa frota está com mais de 90% de carros novos, carros zero-quilômetro!

Eu não admito falarem que nós não evoluímos! Nós evoluímos, mas nós precisamos que o governo olhe para essa categoria e não deixe que esses piratas façam chacota nas rodoviárias e nos aeroportos, acabem com a nossa classe e ainda digam: "Ah, mas eu faço as corridas!" Como isso ocorre, gente?

Deputado, quando o auditor fiscal chega ao ponto de táxi ou à rodoviária, ele vai em cima do táxi! Você fala: "Ali, amigo, o cara é pirata! O carro está amassado!" E o auditor responde: "Eu não posso mexer com eles. Eu só posso mexer com o táxi." Isso é o que os auditores nos falam! (Palmas.)

Como o governo vai me falar “Eu estou fiscalizando você”? Não, ele está fiscalizando o táxi. Contudo, o táxi é legalizado; e o pirata não pode ser fiscalizado. Eles dizem: “Não, eu só posso fiscalizar vocês, porque eu saí com a missão de fiscalizar os táxis”. “Tudo bem, amigo, mas você é um auditor fiscal, você pode me fiscalizar e fiscalizar o pirata. O pirata está gritando no aeroporto para pegar um passageiro.”

Essa é a nossa revolta e indignação. A Câmara Legislativa realmente deve ajudar a nossa categoria. Precisamos de mais conversa com o governo e que ele olhe para nossa categoria, porque nossa categoria está há 8 anos abandonada. Não é brincadeira ficar sem reajuste por 8 anos. Quando eu comprei o meu carro, um Virtus, em 2018, ele custou 59 mil reais. Hoje, ele custa 110 mil reais. Ou seja, só o carro aumentou 100%, enquanto minha tarifa permanece a mesma de 8 anos atrás. Precisamos urgentemente dessa tarifa, mas precisamos que o governo olhe para essa categoria. Essa categoria é forte, mas ela não está recebendo incentivo do governo.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Sergio.

Eu quero deixar claro para vocês – o Artur falou sobre isso, e eu falo como auditor fiscal – que, quando nós auditores recebemos uma demanda, ela vem escrita e determinada, seja pela ouvidoria ou por uma ordem de serviço, para fazermos aquele tipo de serviço.

Talvez vocês não tenham prestado atenção ao que ele falou. Ele falou que, muitas vezes, o que está errado é a legislação que determina que o auditor realize aquele serviço. Se for determinado que ele olhe táxis, ele irá olhar os táxis. Se for determinado fiscalizar a pirataria, é outra coisa. Tem de haver uma forma de regulamentar isso. O Artur deixou isso claro em sua fala, mas talvez vocês não tenham observado.

Registro a presença do subsecretário de Fiscalização de Obras, DF Legal, Antonio Dimas; e do Ricardo Grossi, assessor especial da Vice-Governadoria, da nossa Celina Leão. Sejam bem-vindos.

Muitas vezes, vocês dizem: “O DF Legal veio aqui e fiscalizou uma casa, mas havia outras 3 casas do mesmo jeito ao lado”. Ele recebeu uma determinação da ouvidoria ou uma documentação para aquele endereço específico. Então, ele tem de ir àquele endereço, àquela casa, porque existe uma ordem de serviço. Infelizmente, isto acontece: o auditor fica engessado. Depois o Walisson também falará sobre isso. Com certeza, moldaremos as coisas aqui.

Passo a palavra ao senhor José Araújo, presidente da Associação dos Taxistas do Distrito Federal, ASTDF.

JOSÉ ARAÚJO DE CARVALHO LIMA – Boa tarde a todos. Quero cumprimentar a mesa na pessoa de nossos amigos: o nobre deputado João Cardoso e o subsecretário Walisson, que, de fato, tem-nos ouvido. Isso é importante, mas o mais importante é que se concretize o que tem sido falado, pautado e oficiado. A ASTDF tem dezenas de ofícios protocolados junto à Semob, que vão da correção da tarifa à revitalização de pontos de táxi, bem como a cobrança pela fiscalização do transporte clandestino.

Tudo isso que foi falado até agora é importante para que tanto a Câmara Legislativa quanto o Governo do Distrito Federal passem a observar a categoria com um pouco mais de carinho, como quem cuida de algo seu, de um familiar seu, porque o taxista tem um vínculo com o Governo do Distrito Federal, pois nós recebemos uma concessão pública e nós cuidamos dela.

Nós taxistas somos profissionais, somos pais e mães de família. Eu aproveito aqui para agradecer a presença de todos os taxistas. Há algumas mulheres guerreiras taxistas aqui conosco. (Palmas.) É muito importante essa presença. Vou citar algumas delas: Luciana, Maria Brito, Zezé, Dalila, Aline, Lúcia, Ana. Cito o nome das mulheres para valorizar essas guerreiras, porque, para nós taxistas homens é muito mais fácil trabalhar na rua como nós trabalhamos – 16 horas por dia, sem ter uma estrutura para as necessidades fisiológicas na maioria dos pontos de táxi. Isso tem sido uma coisa que nós temos solicitado muito para a Semob.

Então, são muitos os problemas que precisamos que sejam observados pelo governo e pela Câmara Legislativa. Por isso, a minha gratidão aqui ao deputado João Cardoso pela preocupação. Deputado, muito obrigado pela porta que o senhor abriu para nós.

O governo, de fato, precisa olhar para a categoria de uma forma diferente. Sem querer nos comparar com motoristas de aplicativo, sem querer desvalorizar ninguém, nós somos profissionais. Não é bico que nós fazemos. O táxi é profissão.

Há pessoas aqui com 20, 30, 40 anos de profissão. Se brincar, há pessoas aqui que têm 50 anos como taxista. E isso é honrar o seu trabalho. Então, se nós honramos o nosso trabalho, o governo também tem o dever de nos honrar. E o governo atual – que isso fique registrado – não tem honrado a nossa categoria. Isso começa pela tarifa, que não foi ajustada nesses 6 anos. Ela já estava há 2, 3 anos sem reajuste. Portanto, completaremos 9 anos sem correção de tarifa. Estamos solicitando a correção da tarifa já há 2 anos, e até hoje nada.

A fiscalização do transporte clandestino é algo que está deixando a desejar. Abro aspas aqui para colocar a situação de sexta-feira para cá na Rodoviária Interestadual. Falei com o Walisson, nosso subsecretário, e lhe agradei. Liguei para o Zeno também, secretário de Transporte, e lhe agradei a operação que está sendo feita na Rodoviária Interestadual. De fato, ela deu um alívio muito importante para nós. Porém, nós precisamos que os auditores fiscais, ou seja, que a Semob faça um combate maior em cima daqueles que estão atrapalhando o trabalho e estão trabalhando de forma errada.

O taxista está sendo punido rigorosamente com suspensões de 90 dias. Imagine, deputado, um trabalhador autônomo ficar 90 dias sem poder trabalhar porque deixou de renovar a sua autorização, porque ele deixou de fazer a vistoria do carro por alguns dias! Esse taxista está sendo autuado, e a multa é de 400 reais a 500 reais.

Para o taxista tomar uma suspensão de 90 dias, ele tem de ter atingido 3 multas do grupo C, cujo valor é em torno de R\$1.500,00. Aí ele tem de pagar os R\$1.500,00 e tem de cumprir os 90 dias de suspensão. Como o taxista irá fazer isso? Esse é o cuidado que o governo está dando para a nossa categoria? (Palmas.)

Eu lamento falar, mas isso me decepciona, porque nós ajudamos a eleger o governador Ibaneis desde o primeiro mandato, quando ele tinha 2% de intenção de voto e ele foi ao ponto de apoio. Mesmo a categoria o rejeitando por conta de um parecer favorável que ele havia dado quando presidente da OAB, mesmo assim, nós acalmamos os ânimos no aeroporto, e os taxistas o receberam de forma educada. Ali, ele nos prometeu que haveria fiscalização para o transporte por aplicativo, mas não houve.

Então, hoje, se no transporte por aplicativo o cara trabalha de bermuda, de camiseta, de chinelo, com o carro amassado e com o pneu careca, sem ter nenhum tipo de vistoria, sem gasolina... Lamentavelmente, é triste o que aconteceu, acho que os senhores devem ter visto faltar gasolina no carro para o motorista de aplicativo e acontecer uma tragédia no Eixo Monumental.

Deputado, concluo dizendo que o governo não olha para nós da forma como nós devemos ser olhados. Trago a planilha de correção da tarifa com o estudo que nós fizemos para o subsecretário e para o deputado. Digo a vocês que cada taxista gasta em torno de 25 mil por mês só com combustível e 21 mil reais só com alimentação. Os 3.286 taxistas gastam por ano 70 milhões de reais. Está aqui a planilha, e depois vocês poderão fazer suas observações. O taxista não merecer ser observado de forma respeitosa? Nós precisamos de mais respeito!

Eu parabeno o vice-presidente do Sindicato dos Auditores quando fala que a categoria precisa estar unida e que o representante tem de representar, de fato, a categoria. Essa é uma grande verdade, mas também discordo quando ele fala da falta de evolução. Como o Sergio falou, nós temos, hoje, em torno de 40% de táxi executivo, que custa em média 140 mil reais, com todo o sacrifício que estamos vivendo há 9 anos, sem correção da tarifa.

Não podemos aceitar que sejamos esquecidos. Nós pedimos o reajuste imediato da tarifa e um combate eficaz à clandestinidade dos carros que fazem o transporte pirata. Nós pedimos o uso da faixa do BRT – porque nós usamos a faixa exclusiva da EPNB de Taguatinga – e a faixa exclusiva do Santa Maria/Gama. Por que essas faixas não podem ser usadas pelo taxista? Nós precisamos desse apoio. (Palmas.)

Quanto às suspensões de 90 dias ao taxista, Artur, eu sei que isso está na legislação, mas o poder público tem condições – não de fazer vista grossa – de trazer uma punição mais branda. É um absurdo o taxista ser obrigado a ficar 90 dias sem trabalhar porque ele não fez a renovação e a vistoria do seu carro, sem contar o pagamento de R\$1.500,00 de multa. Como ele vai conseguir pagar R\$1.500,00 de multa se estiver suspenso por 90 dias e ainda tiver de levar o pão para a casa dele? Como ele vai fazer? O taxista não estuprou, o taxista não dirigiu bêbado, o taxista não traficou, simplesmente ele atrasou 1 dia ou 2 da data marcada. Eu quero colocar, com ênfase, a situação dessa punição aos taxistas e pedir que ela seja realmente verificada.

Para concluir, que nós possamos revogar a Lei nº 5.323, ou seja, aquele projeto que está na Semob, para que ele possa ser trazido para a Câmara Legislativa. Esse projeto foi protocolado e está

assinado por mim, pelo Sued e pelo Sérgio, ou seja, pelo sindicato, pela associação e pelas cooperativas: Coobrás, Coopertaxi, Sinpetaxi e ASTDF. Todos nós assinamos o croqui, que fizemos juntos, e o protocolamos na Semob. Nós gostaríamos que esse protocolo, feito na Semob, Walisson, fosse apresentado para que pudéssemos trabalhar nele, aqui na Câmara Legislativa, o mais rápido possível, porque nós temos vários pontos importantes a tratar. Um deles, por exemplo, é a questão do carro executivo. Pasmem os senhores, não podemos emplacar um Corolla Cross, mas podemos emplacar um Duster. Nós precisamos ver essas situações e outras mais.

Obrigado. Desculpem-me por ter me alongado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Araújo.

Acredito que muitas coisas – o subsecretário Walisson está observando e escutando – devem ser revistas. Há os exageros, mas há coisas plausíveis, que eu acho que podem ser revistas pelo Poder Executivo.

Concedo a palavra ao presidente do Sindicato dos Permissionários e Motoristas Auxiliares e Taxistas do Distrito Federal, nosso amigo Sued.

SUED SILVIO SOUZA – Boa tarde a todos. Boa tarde ao secretário e a toda a mesa.

Deputado, primeiramente, quero agradecer porque o sindicato tenta renovar essa lei há anos, uma lei que tivemos a infelicidade de ter sido aprovada e, em seguida, ter sido aprovada a lei dos aplicativos. Então, a nossa lei ficou um pouco ultrapassada. Nós precisamos estar à frente da concorrência desleal. Porém, a lei que nos legaliza é a mesma que frequentemente nos engessa. Temos a necessidade de circular na faixa do BRT e de emplacar veículos mais robustos, além de incluir os carros funcionais, como picapes. Enfrentamos diversos desafios que não podem ser resolvidos apenas com uma portaria. Precisamos que a legislação avance.

Em 2017, começamos a dialogar com os deputados da época e, em 2018, conversamos com outro deputado que não foi reeleito e a situação passou para outro parlamentar. Logo depois, graças a Deus, em 2019, chegamos até vossa excelência e desde então enfrentamos essa situação. Porém, de 2019 até agora, surgiu a necessidade de modificar, por exemplo, a legislação relativa aos carros executivos.

Atualmente, a tendência dos veículos é de categoria SUV. Embora os sedãs possam ser emplacados como carros executivos, a maioria das pessoas prefere os SUVs, porque estão na moda e não podemos usá-los nesse serviço. Nesse caso, ficamos com a única opção disponível que é a Duster.

Portanto, precisamos de mudanças na legislação para resolver essa questão, assim como na situação do ponto de apoio.

Quando assumimos a gestão do ponto de apoio, em 2015, o sindicato não contava com uma legislação que o amparasse. Então, nós nos sentamos com a Secretaria de Transporte e Mobilidade da época e foi construída uma portaria que permitia ao sindicato firmar parcerias com outras entidades. Optamos por fazer isso com a associação, ao invés de uma empresa.

Em 2022, a Portaria nº 48, que proporcionava essa liberdade, foi revogada, e desde então ficamos sem a possibilidade de gerir a situação pelo sindicato pela quantidade de dívidas. Isso gerou grande revolta na categoria e o sindicato também ficou engessado sem saber o que fazer. Nós procuramos a Secretaria de Transporte e Mobilidade diversas vezes e identificamos a necessidade de alterar a legislação.

Basicamente, essa é a questão que precisamos rever. Recentemente, nos reunimos na cooperativa com as associações, na Coobrás, e podemos enxugar essa minuta da lei que vem desde 2017. O subsecretário responsável por encaminhar ao deputado a proposta mudou. Logo depois, o Paulo Sérgio realizou algumas reuniões conosco e com o jurídico de seu gabinete. No entanto, ficamos pendentes de nos reunir com a categoria para discutirmos o que estamos fazendo aqui hoje. Sabemos que precisaremos de mais reuniões e ouvir o maior número possível de taxistas para que possamos avançar rapidamente, pois estamos ficando para trás em relação à legislação.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Sued.

Tenho aqui uns dados que estou captando e que estão me deixando injuriado – a realidade é essa. Eu não posso utilizar uma expressão mais forte, visto que estamos sendo filmados, mas algumas questões precisam de providências urgentes para que mudanças ocorram, caso contrário não haverá melhorias para vocês.

Em breve, falaremos mais sobre esse assunto. Estou anotando. Vou deixar o subsecretário falar

primeiro. Vou passar a palavra ao subsecretário, àqueles que estão inscritos e, depois, farei as minhas considerações.

Concedo a palavra ao subsecretário Walisson.

WALISSON DO NASCIMENTO PERÔNICO – Boa tarde a todos e a todas.

Quero cumprimentar a mesa, o nosso presidente Araújo, o nosso presidente Sued, o deputado João Cardoso, amigo de longas datas, e o Erick.

A Secretaria de Transporte e Mobilidade – estou lá há pouco mais de 2 meses –, desde quando entrei e que estou vendo o processo, que já vem em andamento, está andando nesse tema sim. Já tivemos reunião – viu, deputado? – com a associação, com o sindicato, com a comissão da fila.

Uma coisa muito importante que o deputado falou é que a classe, para crescer, tem que estar unida. Vocês, para crescer, têm que estar unidos. Vocês, unidos, são invencíveis. Porém, o que vemos é um certo: “Ali não pode. Aqui não pode.” Se coloca todo mundo à mesa, causa mal-estar entre um e outro. Quando se unem, a força de vocês é grande. Vocês vão muito longe.

A Subsecretaria de Serviços está agindo sim. Nós fizemos, Araújo, fiscalização e estamos combatendo a pirataria. Nós vamos, a secretaria vai, o poder público vai – o Araújo é prova disso –, mas quando saímos do local, eles voltam de novo. Vamos ao local novamente e, quando saímos, eles voltam novamente.

A fiscalização que estamos fazendo é, sim, no transporte pirata, é em cima dos motoristas piratas que estão na rodoviária interestadual, como foi bem falado, no aeroporto.

Nós estamos reformulando a Portaria nº 100. Nós estamos escutando e vamos escutar todos – viu, deputado? Vamos escutar o sindicato, as associações. Vamos tentar reformulá-la de forma que atenda o taxista. Nós – o poder público – não queremos atender a associação a, o sindicato b; queremos atender a categoria, queremos atender o taxista. Acho que temos que atender vocês, pois são vocês que estão na rua. (Palmas.)

A portaria vai ser reformulada agora e vamos escutar a associação, o sindicato, a cooperativa, a comissão da fila do aeroporto. A secretaria está trabalhando para melhorar, para tentar dar a vocês as melhores condições.

Houve uma reunião com o sindicato, com a comissão e com a associação na qual o secretário Zeno pediu a eles que apresentassem uma proposta de reajuste da tarifa. Nela estavam presentes o Araújo e o Sued. Até agora só o Wesley me apresentou uma proposta de reajuste, anteontem. Agora, eu estou vendo aqui a proposta do Araújo, que foi apresentada hoje e que vou encaminhar ao secretário Zeno. Na Secretaria de Transporte também há uma subsecretaria que faz, que estuda esses cálculos. Vamos passar as propostas para esse setor, a fim de que ele as analise.

Nós estamos debatendo o assunto. Estamos conversando com todos vocês, por meio dos seus representantes. A secretaria e o secretário Zeno estão de portas abertas para todos vocês, assim como eu. O meu gabinete está à disposição. Quem quiser ir lá pode ir, porque recebo todo mundo. O Wesley e o Erick sempre vão lá. Estamos lá para dar uma maior atenção a vocês, aos taxistas, mas o que eu peço é só uma coisa: a união de vocês. Tentem se unir; vocês unidos são imbatíveis.

Registro a presença do ex-subsecretário de serviços, Ricardo Grossi, que está representando a nossa vice-governadora, Celina Leão. Obrigado, Ricardo, por você ter vindo.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, subsecretário Walisson.

No próximo dia 7, eu tenho uma reunião com o secretário Zeno – aquela reunião, Artur, que vocês pediram por meio do sindicato – para tratar de outro assunto, mas eu já vou introduzir esse assunto dos taxistas, vou levar a pauta. O subsecretário Walisson também vai levá-la ao secretário Zeno, e eu vou aproveitar essa reunião para levar várias situações que eu estou observando aqui.

Eu vou, primeiro, escutar todos os inscritos, para depois eu fazer algumas considerações para ver se eu estou ficando doido ou não. Tratamos de vários assuntos parlamentares, de a a z, todos os dias. Quem anda comigo fica doíquinho e pergunta: “João, como você consegue tratar de tantos assuntos diversos no mesmo dia?”. Às vezes eu chego em casa, e minha esposa pergunta: “Como foi o dia, amor?”. Eu falo: “Foi puxado”. “O que você fez?” Eu respondo: “Você tem certeza de que quer que eu conte todos os assuntos?” Ela diz: “Não, é melhor não”.

Concedo a palavra ao Wesley Alves, taxista, diretor do Sinpetaxi.

WESLEY ALVES – Boa tarde a todos, sou Wesley Alves, tenho 10 anos de profissão. Desde 2018 estou como delegado e este ano como diretor social.

Quanto à fala do representante dos fiscais, eu também fiquei meio indignado em relação à parte de que não evoluímos. Não evoluímos em termos, mas evoluímos. Olhem os carros, olhem o padrão de vestimenta, olhem o atendimento. Não precisamos dar balinha nem água para ninguém para mostrar o nosso profissionalismo.

Eu trabalho nos eventos à noite e, antes, não chegava a 30 taxistas, não trabalhavam 30 carros à noite em Brasília. Hoje estamos com o dobro ou o triplo em média. Por quê? Muitos hoje me agradecem pelo trabalho que estamos fazendo com a categoria, mostrando a excelência do trabalho, os valores reais de uma corrida.

Como o representante da Coobrás disse, são 100 reais para ir para Taguatinga, enquanto os livres, os famosos piratas, fazem a festa em Brasília, cobram no mínimo 300 reais. Isso é um absurdo.

Por várias vezes eu fui ameaçado por esses mesmos motoristas. Uma das vezes, no Funn Festival, eu fui escoltado por mais de 15 ou 20 taxistas, eles me acompanharam. Por quê? Porque eu fui ameaçado, filmaram a minha casa – eu tenho os vídeos desses motoristas filmando a minha casa.

Entretanto, eu quero mudar um pouco o assunto, a respeito do ponto da tarifa. Eu entreguei o documento para o nosso subsecretário Walisson, a quem quero agradecer enormemente, porque ele não só abriu, como estendeu as portas da subsecretaria para todos os taxistas, não só para mim, como para o Erick, para a comissão, para todo mundo. Sem desmerecer o antigo subsecretário, mas hoje a porta está bem escancarada, porque ele está vendo que a categoria precisa disso.

Eu vim também pedir que não se fechem mais essas portas, porque, por conta desse fechamento, a categoria está há 8 anos sem reajuste. São 8 anos sofrendo essa situação.

Há carros novos? Sim, há. Mas nós não estamos conseguindo pagar por eles. Às vezes, nos atrapalhamos para pagar. Está faltando o leite da criança em casa, está faltando o dinheiro para pagar o aluguel. Por quê? Por causa da tarifa. A tarifa bandeira 2, em dezembro, foi uma facada na cara do taxista. Todo mundo recebe 13º salário. “Ah, mas o feirante é autônomo, e não recebe”. Ele recebe sim. Ele pode aumentar os valores dos alimentos, e a demanda se ajusta. Então, por que o taxista não pode ter 13º, algo que seria honroso para nós? Atualmente, nós estamos sofrendo.

Queria voltar a falar sobre o nosso chefe lá da... Queria pedir desculpa se os senhores ficaram ofendidos pelo tratamento que foi dado no aeroporto. Infelizmente, nunca vimos um representante dos taxistas chamar a auditoria fiscal para verificar a pirataria nem no aeroporto, nem na rodoviária. Mas isso aconteceu. Se houve esse desacato ou qualquer coisa que tenha soado ruim, não foi para vocês – vocês levaram para o lado pessoal, mas não foi –, mas sim para quem estava lá com esses auditores. Irem lá para verificar a pirataria nunca fizeram. Nunca fizeram isso. (Palmas.) Já contra os taxistas...

Querem obrigar o taxista a atender pelo aplicativo, mas eu sou autônomo. Não tenho a obrigação de trabalhar por meio de um aplicativo que não é regulamentado e que não tem nenhum respaldo da secretaria, como o Zeno falou para nós em uma reunião. Não havia representatividade para nós. Nós não somos obrigados a isso. Eu sou autônomo, assim como a maioria aqui. Ninguém é obrigado a isso.

Não foi direcionado a vocês, quero deixar isso bem claro. Foi a quem conseguiu, só Deus sabe como, impedir o trabalho do taxista.

Senhor presidente, desculpa não ter falado com a mesa. Deputado João Cardoso, obrigado por essa oportunidade. Obrigado ao subsecretário Walisson e à coordenadora Viviane.

Presidente Sued, trabalhe para o taxista, por favor! Trabalhe para o taxista, e não para a empresa! Em 2018, você me chamou para trabalhar como delegado. Eu o defendi, defendi muito, porque eu vi o seu sofrimento. Realmente, todo mundo sabe que você sofreu dentro de um contêiner. De lá para cá, você foi crescendo. Chamou o governo e conseguiu a reforma de um ponto de apoio. No entanto, de lá para cá, você não olhou mais para a categoria. Quando fizemos a reunião, foi questionado: “Vamos fazer essa diretoria?” “Vamos, vamos sim”.

Vamos trabalhar pela categoria! Vamos olhar para a categoria! Se eu consegui fazer muita coisa nos eventos, nos 4, 5 meses em que estou à frente, como que, em 8 anos, não deu para se fazer muita coisa? O porquê ninguém sabe.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Wesley.

Eu me perdi aqui. Você falou algo sobre o qual eu gostaria de fazer um comentário, mas esqueci – estou ficando velho, gente. Eu vou lembrar.

Passo a palavra ao Paulo Henrique de Moura, taxista.

PAULO HENRIQUE DE MOURA – Boa tarde a todos.

Excelentíssimo deputado João Cardoso, Walisson Perônico, todos que compõem a mesa e caros colegas taxistas, quando escutamos vocês dizendo que a categoria precisa estar unida, eu concordo com isso. Mas a categoria precisa estar unida com um representante que realmente vista a camisa do táxi e, não, com um representante que veste a camisa do empresário que só suga o taxista. É muito difícil, infelizmente, falarmos em união quando se tem um representante que não veste essa camisa. Fica impossível, mas o meu assunto aqui hoje é outro.

Hoje venho a esta tribuna para tratar de uma questão que impacta diretamente os taxistas da nossa cidade, e, conseqüentemente, os cidadãos que utilizam esse serviço essencial de transporte. Proponho uma medida que possa trazer um alívio para os profissionais do volante: a adoção temporária da bandeira 2 para o táxi durante todo o mês de dezembro. Isso seria o nosso 13º salário até que seja definido oficialmente o reajuste da tarifa.

Sabemos que o setor de transporte, em especial o dos táxis, enfrenta enorme desafio, como o aumento dos combustíveis, dos custos de manutenção e das despesas operacionais. Muitos desses profissionais têm tido dificuldade para equilibrar suas contas e a inflação tem pesado cada vez mais em suas atividades. O último reajuste de tarifas não acontece há anos. O valor atual não é suficiente. É necessário que ofereçam alternativas para minimizar esses custos e impactos financeiros enfrentados por nós, trabalhadores. A bandeira 2 temporária representa uma solução viável para aliviar nossa pressão sem que se imponha um custo proibitivo aos passageiros. Essa medida ajudará os taxistas a terem um incremento em suas receitas durante esse período de maior demanda e de maiores custos; ao mesmo tempo, ajudará a manter o serviço disponível e competitivo em relação às outras formas de trabalho.

Por isso, faço um apelo aos meus colegas parlamentares para apoiar esta proposta e ao Poder Executivo para que acelere a tramitação de um reajuste definitivo para a categoria.

Precisamos valorizar os trabalhadores que dependem do táxi para sustentar suas famílias e garantir à nossa população um serviço de transporte digno e de qualidade.

Encerro aqui minha fala.

Muito obrigado, deputado e todos presentes.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Paulo.

Passo a palavra ao José Barcelos, taxista.

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – Boa tarde a todos. Meu nome é José do Carmo Barcelos, falo em nome da ASTDF.

Quero agradecer a presença do deputado João Cardoso. Agradeço a oportunidade de estar aqui e agradeço aos colegas taxistas, à classe taxista e às demais autoridades presentes.

O que eu vou falar aqui é que Brasília não merece o padrão de transporte que está tendo no momento. O que estamos vivendo aqui é uma verdadeira vergonha. O turista chega de outros estados para um evento e é roubado, em porta de evento, por motorista pirata de aplicativo. O taxista é invisível na fila, porque os piratas não dão oportunidade de o taxista trabalhar. Onde deveria haver uma fila de táxi, há uma fila de carro pirata com o sinal de livre.

Eu tenho aqui um relato de uma passageira. Não fui eu que fiz esse depoimento, não. A cliente que mandou e está aqui. Vou mostrar para que vocês todos tenham a oportunidade de ouvir.

(Apresentação de áudio pelo celular.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – José Barcelos, por favor, coloque de novo o áudio – pode ser você mesmo – para escutarmos. Repita essa placa aí que ela falou, por favor, porque nós anotamos aqui.

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – Está aqui. Eu passo para o senhor depois.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Não. Passe agora. Coloque no começo. Um de

vocês pode escutar, para vermos qual é a placa do carro, do Grand Siena.

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – A placa é dele e ele está rodando livremente nos eventos.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – P de pato, b de bola, u de uva. PBU7103. E, pelo que eu entendi, ele tinha um velocímetro.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – O José Barcelos pode falar?

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – Sim. Eu vou lhe afirmar.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Não. Eu queria saber... Ela fala, no áudio, que existe...

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – É o Meter. É um aplicativo que se cria no aparelho e que determina o valor da quilometragem.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – É um aparelho virtual, ele cria um aparelho? Como funciona?

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – Isso. Justamente.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Ah, no celular. Como se fosse um taxímetro.

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – É um aplicativo. Ele faz a medição do valor que quer. Ele configura o valor que quer.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Mas é um telefone?

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – Isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado. Pode finalizar, José Barcelos.

JOSÉ DO CARMO BARCELOS – Então, secretário, é o que nós estamos vivendo. O motorista de táxi, hoje – eu já ouvi falar sobre isto em várias reuniões –, sai para acumular multa. Ele sai, à noite, para trabalhar e acumular multa.

A viatura da Polícia Militar passa pelo táxi, aplica a multa e deixa a fila de pirata livremente, entendeu? Porque eu presenciei, na 201... A viatura lá no canteiro, do outro lado, multou o taxista onde ele deveria estar, e a fila de motorista de aplicativo livremente, escrito “livre” no painel. E não aconteceu nada.

Eu tenho prova da multa que eu e meu colega levamos lá na porta do mercadinho da 201 Sul. Pode andar em eventos à noite, que o senhor vai ver motorista pirata abordando passageiros, roubando do turista, entendeu?

Nas portas dos eventos, o táxi não consegue trabalhar mais. Trabalha motorista pirata, de aplicativo.

Era isso. Boa tarde a todos. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Muito obrigado, José Barcelos. O subsecretário já anotou a placa do carro aqui. Vamos pedir um levantamento.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Não, é aplicativo nem táxi esse carro. O secretário já fez o levantamento. Não é aplicativo nem táxi. É bom que possamos... Essa pessoa que passou por isso deveria ter feito uma ocorrência policial. Se houvesse uma ocorrência policial aqui, agora, o poder público já poderia ir atrás e descobrir o que está sendo feito. Ou seja, poderia ser feita uma investigação.

Passo a palavra agora ao Cristiano Teles, taxista.

CRISTIANO TELES – Boa tarde a todos. Boa tarde ao deputado João Cardoso.

Minha reivindicação é também de todos os outros: a tarifa. Eu tenho um carro executivo e não precisaria estar aqui, hoje, mas, infelizmente, temos um presidente no sindicato que não nos representa mais, que não nos escuta.

Recentemente, fizemos um acordo no aeroporto; ele firmou o acordo pela manhã, não esperou nem esquentar o bolo e, na parte da tarde, já estava chamando a polícia contra a própria categoria que o elegeu uma vez. Ele colocou a polícia contra nós e ainda nos chamou de terroristas e de outros nomes que não considero apropriados para este ambiente. Mas isso não vem ao caso.

Acredito que ele precisa resolver o lado dele como presidente. Se ele precisa abrir a votação para todo mundo, vamos ver se ele continua na mesa. O problema é que ele altera o estatuto como quer, aumentando as taxas e colocando imposições que não permitem que consigamos votar para eleger um novo presidente.

Eu já falei com ele várias vezes sobre o aumento da tarifa. Já participei de discussões com ele, o Paulo Henrique e o Ricardo Grossi, em que questionamos o aumento da tarifa, mas nos disseram que isso não era possível por causa do aplicativo Uber. Vale lembrar que nossa tarifa possui apenas 2 modalidades: bandeira 1 e bandeira 2, que funcionam em horários específicos, das 8 às 18 horas, e em feriados, sábados e domingos. O Uber, não; ele aumenta os preços na hora que quer.

Além disso, deputado, o aplicativo utiliza um luminoso escrito "livre", mas a Lei nº 5.323/2014 diz que o único que pode portar luminoso é o táxi. Eles utilizam o luminoso "livre" dizendo que são Uber, mas o Uber é um serviço de aplicativo e seu pedido não é feito na porta do evento.

Há um evento anual, o Na Praia, em que não conseguimos transitar porque o Uber não trabalha como deve. Os motoristas não utilizam o aplicativo do Uber. Eles falam que são Uber só por falar, mas utilizam a plataforma para fazer pirataria. Isso não é justo com os taxistas, que pagam taxas, que têm que andar em dia, com o carro brilhando. Até para fazermos vistoria, nosso carro tem que estar limpíssimo mesmo na época de chuva.

Peço desculpas ao senhor. Nossa intenção não foi vaiar os fiscais. Mas é vergonhoso que o presidente do sindicato chame o fiscal para o próprio táxi, a fim de promover o próprio aplicativo. Isso não é justo. Eu gostaria de registrar minha indignação.

(Intervenção fora do microfone.)

CRISTIANO TELES – O taxista não é empresário. Nós costumamos brincar que o empresário somos nós, os taxistas. Nós precisamos ter MEI ou pagar o INSS. Eu não tenho que prestar contas ao presidente; ele é quem nos deve satisfação e simplesmente não dá. Nós pedimos que ele mostre as contas do sindicato, mas, quando ele apresenta algo, não há clareza nenhuma. Isso ocorre porque ele lava dinheiro. Eu vou falar desta forma: ele lava dinheiro. E lavagem de dinheiro é crime!

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Vamos nos ater às questões práticas. As questões particulares, peço que sejam tratadas depois, no âmbito da categoria.

CRISTIANO TELES – Eu peço desculpas.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Pois não.

CRISTIANO TELES – Peço, novamente, que olhem com carinho para nós, para a nossa tarifa, que está defasada. Já venho escutando isto há 2 anos: que a tarifa está defasada há 8 anos. Isso parece aniversário de mãe, que nunca vai para frente, fica sempre nos 8 anos. Para mim, pelo que tenho contado, isso faz 10 anos, porque há 2 anos venho escutando que faz 8 anos.

As únicas coisas que aumentam para nós são os custos do pneu, da gasolina, do óleo, da vestimenta. Hoje em dia, a vestimenta do motorista executivo custa no mínimo mil reais, para ele andar com uma camisa, um terno.

Com relação à nossa alimentação, faço 1 viagem e não consigo pagar 1 almoço. Tenho que fazer no mínimo 3 viagens para poder almoçar. Imaginem levar o alimento para casa.

(Soa a campainha.)

CRISTIANO TELES – Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado.

Como falei, vamos nos ater à proposição da nossa comissão geral, que é procurar soluções e ver a dificuldade que vocês têm. As questões internas de presidência, se um presidente questionou ou não questionou algo, vocês têm que conversar e resolver nas associações, nas cooperativas e no sindicato. Claro, quem pode atuar diretamente nisso é o poder público.

Há um ponto que eu gostaria de entender. Se for isso mesmo, está tudo bem. Quando o camarada coloca "livre", é chamado pelo aplicativo e não aparece ninguém. Vou lá e falo: "Opa, moço,

tudo bem? Como é o seu nome?" "É João". Digo; "Eu estou precisando de um Uber". Ele fala: "Pode entrar, sou Uber". Ele coloca o preço que quiser? É isso?

(Manifestação do público.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Vixe maria! Entendi.

ARTUR CARLOS DE MORAIS – Só para esclarecimento, deputado João Cardoso, pois passei por essa situação no Mané Garrincha. Eu estava com a minha filha mais nova, quando terminou o *show* do Skank.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Não estava assistindo ao jogo do Flamengo?

ARTUR CARLOS DE MORAIS – Não. Estou na segunda divisão ainda, sou Santos. (Risos.)

Minha filha falou: "Vamos chamar o Uber". Chamei, mas só havia na W3; perto do estádio, nada. Vi lá que havia Uber. Perguntei quanto era para ir para Águas Claras. "São 250". Falei: "Cara, não dá". Havia uma fila de táxi. Fui pelo taxímetro.

(Manifestação do público.)

ARTUR CARLOS DE MORAIS – Cara, depois de um *show* em que eu tinha bebido, se eu chamasse a polícia, me levariam. (Risos.)

Deputado João Cardoso, é dessa forma que funciona.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Quanto deu o táxi?

ARTUR CARLOS DE MORAIS – Acho que a corrida custou 80 e pouco, ou 90 reais. (Palmas.)

É dessa forma que acontece.

A minha sugestão é que se coloque essa fila fixa de táxi na porta do evento para a pessoa, assim que sair, pegar o táxi. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Artur.

Respondeu claramente. Ele estava saindo de um *show* com a filha dele e não tinha obrigação alguma de agir como auditor, porque estava com a filha ao lado. E, como falou, ele tinha se divertido e tomado uma bebida alcoólica. Com a filha ao lado, você vai agir como auditor fiscal? O cara puxa uma arma, e ele com a filha ao lado? Não. Ele não é obrigado a fazer fiscalização com a filha ao lado dele, de forma alguma.

Muito obrigado, Artur.

Concedo a palavra ao Randolpho Cardoso, taxista da comissão organizadora da fila do aeroporto.

RANDOLFO CARDOSO – Boa tarde ao senhor presidente, deputado João Cardoso, aos parlamentares, aos meus colegas taxistas. Uma excelente tarde a todos nós.

A categoria, hoje, precisa do reajuste da tarifa. O assunto principal é a nossa maior necessidade é o reajuste da tarifa, deputado João Cardoso.

Quando entrei na praça há praticamente 10 anos – em 2015 –, a gasolina custava R\$2,80, R\$2,85. Eu trabalhava só de segunda-feira a sexta-feira, de 7 horas da manhã a 8 horas da noite. Voltava para casa com quantia satisfatória para honrar com meus compromissos e levar o pão de cada dia para casa. Hoje em dia, não conseguimos isso. Trabalhamos o dobro e ganhamos metade do que ganhávamos há 8 anos. Nós nos desgastamos muito mais. (Palmas.)

Quando entrei na praça, eu só trabalhava de segunda-feira a sexta-feira, de dia, das 7 horas da manhã às 9 horas da noite. Hoje, saímos de casa às 7 horas da manhã e, se não ganharmos o dinheiro que temos que ganhar, continuamos na rua – levamos uma mochilinha de roupa dentro do carro, para tomarmos banho dentro do ponto de táxi –, para tentarmos levar o rendimento para casa, isso quando conseguimos levar.

Então, precisamos de um reajuste satisfatório, igual ao que nosso amigo Erik falou, de no mínimo 30%. A tarifa de Brasília sempre foi a melhor do Brasil e parâmetro para os outros estados. Sempre tivemos a melhor tarifa. Mas hoje, praticamente, estamos com a pior tarifa do Brasil. Somos a capital, e estamos com a tarifa mais baixa possível. Tudo tem aumento, menos a nossa tarifa. Além disso, deputado, aumenta o preço do pneu, do óleo, do básico para mantermos o táxi seguro e com boa qualidade para prestar um serviço de excelência ao cliente de Brasília.

As pessoas, os executivos vêm de fora, pegam um táxi no aeroporto, querem pegar o táxi

limpo, com manutenção em dia, motorista bem vestido, dar gorjeta para o taxista. Se o passageiro pegar um carro sujo, com pneu gasto, com um taxista que não está bem vestido, como é que ele vai reconhecer um serviço de excelência? Não há como. Mas o taxista não está com condições de prestar um serviço de excelência com a tarifa que enfrentamos. E não é só a tarifa.

A maioria dos colegas falou sobre o transporte pirata. É o chamado transporte livre, que para na frente da festa, atrapalha o trânsito, briga conosco e com o passageiro e o rouba. Hoje, esse é um dos maiores inimigos do táxi, do transporte regular e fiscalizado. Temos que mostrar certidão negativa de débitos e certidão negativa criminal. Todos nós temos que mostrar que somos trabalhadores corretos. Eles não recebem fiscalização nenhuma.

O senhor Artur falou que temos que ser unidos. Nós somos unidos. À noite, precisamos tirar o "livre" da frente do nosso serviço, porque a polícia e o Detran não fazem isso. Se o auditor estiver lá, não faz! Se o auditor estiver lá, não faz! Quem tem que fazer somos nós que trabalhamos à noite. Vamos ao auditor, cobrar o serviço. Falamos: "Estão abordando o cliente e oferecendo transporte pirata". O auditor diz: "Não posso fiscalizá-lo, não. Tenho que ter o apoio da polícia". Dizemos: "A polícia está ali. Por que você não chama?" Ele responde: "Porque ele anda armado. Ele pode estar armado". Nós é que temos que fazer valer o que está escrito na lei? Sei que não. Mas, infelizmente, para levarmos o pão de cada dia, temos que correr certos tipos de risco.

Hoje, se eu for abordado por algum policial, ele verá que consta contra mim uma ocorrência pela Lei Maria da Penha. No Moto Capital Week, eu estava à frente, oferecendo o meu serviço de táxi, e uma senhora de mais de 50 anos meteu a mão na minha cara e me ofendeu, por eu estar proibindo-a de fazer transporte pirata. Meteu o dedo dentro da minha boca, e eu que estou respondendo pela Lei Maria da Penha. Não levantei a voz, muito menos a agredi e ainda estou respondendo pela Lei Maria da Penha.

Deputado João Cardoso, hoje também viemos pedir pela lei do transporte executivo, em relação aos carros.

Antigamente, nós podíamos emplacar Corolla Cross, Tiggo 8, Tiggo 7, Taos, Kicks, T-Cross e vários carros, na categoria executivo, para prestar serviço de excelência para os passageiros que chegam a Brasília. Hoje, não conseguimos emplacar esses carros devido a um pequeno erro, a uma palavra na lei.

A lei fala em SUV, *estate wagon* – carros tipo perua, como Spin, Jetta Variant, Palio Weekend – e sedans. Pedimos que tirem da lei que, para ser serviço executivo, os carros têm que ser SUV, *estate wagon* ou sedan. Não. Deixem na lei só as medidas mínimas exigidas para se prestar um serviço executivo: medidas mínimas de entre-eixos, de largura e de comprimento.

Hoje, se eu quiser emplacar um Tiggo 8, um veículo muito mais executivo que uma Duster, eu não consigo. Não é possível emplacar o carro na cor preta em razão desse problema. Quem está sendo prejudicado é o cliente de Brasília.

Eu gostaria de destacar, mais uma vez, a dificuldade de sermos unidos como categoria.

(Soa a campanha.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Conclua, por gentileza.

RANDOLFO CARDOSO – Sim, deputado João Cardoso.

Hoje, é difícil afirmar, porque, quando 10 de nós se reúnem, apenas 10% se mantêm unidos. A ausência de um líder verdadeiro, que represente a categoria de forma eficaz, faz com que várias pessoas que querem o bem da categoria acabem se levantando para assumir essa representação. Hoje, precisamos de um líder que busque melhorias para a categoria e não atue contra ela. (Palmas.)

Muito obrigado, deputado João Cardoso.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado.

Você mencionou um fato que eu gostaria de retomar. No final de 2015, surgiram os aplicativos de transporte. Já se passaram 9 anos desde então. Com o surgimento dos aplicativos, as corridas diminuíram significativamente.

Você disse que faz 8 anos que a tarifa não é reajustada, ou seja, praticamente o período em que surgiram os aplicativos. A tarifa não foi reajustada durante esse período, apesar de todos os custos terem aumentado. Isso aconteceu paralelamente ao surgimento dos 44 mil motoristas de aplicativos que hoje operam no DF.

Estamos compilando todas essas informações. Vamos oficializar a Secretaria de Transporte. O subsecretário já está ciente dessa situação.

Há muitos ajustes a serem feitos. Eu tenho certeza de que o governador Ibaneis Rocha, juntamente com o secretário Zeno e o subsecretário Walisson, estão comprometidos com o bem comum de todos.

A situação é clara: há 9 anos surgiram os aplicativos e, desde então, não houve reajuste tarifário, mesmo com o aumento de todos os custos.

Já são 17h30min. Peço aos inscritos que sejam breves em suas falas.

Concedo a palavra ao taxista Luciano Alves.

LUCIANO ALVES – Boa tarde a todos.

Vejo aqui muitos rostos conhecidos.

Eu gostaria de cumprimentar todos da mesa, o deputado João Cardoso, os secretários, os representantes dos sindicatos e das associações.

Eu não quero ser prolixo. Devemos ser objetivos. Estamos aqui para reivindicar questões importantes, especialmente a questão tarifária. Não podemos sair daqui sem uma resposta contundente.

Deputado, como mencionado, o senhor conviveu com um taxista. Então, o senhor tem dentro de casa a experiência e sabe o que se passa com um taxista. Ninguém veio aqui para discutir ou falar algo contra o sindicato. Queremos falar sobre a necessidade que cada um tem em subsistir como taxista.

Vale a pena trazer não só para o deputado, mas também para o secretário, a necessidade de uma ferramenta para o taxista, como o Erick comentou. O poder público pode nos ajudar com a questão do aplicativo. Há o Taxigov, mas não sei se ele foi para frente ou não.

O taxista está ansioso por muitas coisas: ansioso por organizar a tarifa, ansioso por segurança. Quantos taxistas dormem no ponto de apoio e estão desassistidos, precisando de apoio psicológico e auxílio saúde? Há muita coisa para conversar, mas estamos priorizando a necessidade de atendimento do governo em visualizar o aplicativo para nós. Nesses 8 anos, não conseguimos avançar nessa força-tarefa.

O taxista não tem a tecnologia nem consegue recorrer à tecnologia para poder atender à população e para bater de frente com os aplicativos Uber e 99. Vira e mexe aparece um novo aplicativo para o qual não há regulamentação. Para o taxista há. Isso precisa ser regulado.

Hoje em dia há algum estudo para saber quantos taxistas há em Brasília? Há algum estudo para denominar quantos carros de Uber podem rodar? É preciso haver um limite para o Uber também, porque, como o deputado falou, qualquer um pode abrir o aplicativo e incluir seu carro. Então, a Uber pode ter n permissões, n carros e o taxista não pode? Como é isso?

Deputado, é importantíssimo estudarmos a capacidade de o taxista trabalhar de forma igualitária. Se eles querem abrir para o aplicativo, eles precisam de um limite. Não pode ser a deus-dará. Uma casa pode ter 3 carros e todos eles trabalham como aplicativo. O taxista só tem uma permissão, na qual trabalha o motorista e o auxiliar. Às vezes, o motorista está dormindo, o outro está cansado e vai descansar. O secretário sabe muito bem dessa situação. Na secretaria há quantos táxis? Há fiscalização em cima desse contingente, mas não há fiscalização em cima do contingente da Uber e da 99, porque não sabemos quantos carros existem. Sabemos que há pessoas cadastradas, mas não há fiscalização.

A frota de Brasília é a segunda ou a terceira maior – só perde para São Paulo e Rio de Janeiro –, mas não há controle para os carros que rodam de Uber, 99 ou outros aplicativos. Não há controle, não há taxa. Eles ditam a taxa.

Então, para finalizar e já agradecendo por este momento, eu acho que temos que entender que o Poder Legislativo e o Poder Executivo têm de alinhar uma proposta que possa entender, resolver, solucionar o quanto antes esse embate entre taxistas e aplicativos.

Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Luciano, muito obrigado. Realmente, existem muitas discrepâncias. Iremos falar um pouquinho sobre isso nas minhas considerações finais. Nós

vamos dar encaminhamento em tudo. Vocês podem ter certeza disso.

Neste momento, passo a palavra ao senhor Airton de Assis, taxista.

AIRTON DE ASSIS – Boa tarde, senhores. Boa tarde a todos os taxistas.

Galera, nós vemos muitas cobranças em vários termos, mas nós não colocamos o nosso direito de cobrar. Para cobrarmos alguma coisa, temos que fazer a nossa parte.

Primeira coisa: muitos passageiros não sabem nem o que é táxi, porque o carro é todo descaracterizado. Eu nunca vi uma categoria em que um carro é de um jeito, outro é de outro; um usa faixa, outro não usa; um faz uma coisa, outro não faz. Não há padrão. Essa é a primeira coisa, vocês entenderam? Qual padrão que existe? Qual? É interessante que, para o Executivo, votam matérias rapidinho, mas, para as outras coisas, não votam. Esse é o primeiro passo.

Segundo passo: o que o secretário da fiscalização falou está certo. O que adianta você ter carro novo e não rodar? Vamos fazer um pedido ao governador. Vamos aumentar a tarifa? Vamos, 30%. Ela vai para R\$60,00. A tarifa do Uber é de R\$25,00. Quem é que vai deixar de pagar R\$25,00 para pagar R\$60,00?

Vocês me falem! A pergunta é: quem vai deixar...

(Intervenções fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Pessoal, temos que escutar e respeitar a opinião de todos. Vamos escutar, como vocês foram escutados.

AIRTON DE ASSIS – Outra coisa, deputado, o deputado Gilvan Máximo apresentou um projeto de lei na Câmara dos Deputados que irá agregar o táxi ao Uber. É a única forma de sobrevivermos! Vai ser opcional. O taxista que quiser trabalhar com Uber ou com outros aplicativos, trabalha. Do contrário, ele vai ficar no ponto. Ele fica no ponto. Você entendeu?

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Gente, cada um tem a sua opinião sobre a questão. Eu também vou dar minha opinião como parlamentar. Mas eu sou parlamentar e sou um cidadão como vocês.

Então, eu vou querer que a minha opinião seja respeitada, assim como a opinião de vocês está sendo respeitada, a dele também tem que ser respeitada. Ele tem que ser escutado. Nós não estamos decidindo nada aqui. Isso não é discussão de um projeto de lei. Por favor! É uma conversa que nós estamos tendo.

Então, vamos escutar. Ele fala a parte dele, desde que seja aquilo que ele pensa em relação às coisas práticas do serviço de táxi. Esta não é uma discussão para convencer os parlamentares a votar, é apenas uma conversa.

AIRTON DE ASSIS – Quero parabenizar a união da categoria. Quando o presidente estava falando, alguns camaradas, 1/3 das pessoas, lhe deram as costas. Galera, isso é uma vergonha. Estamos aqui para discutir e debater. Ninguém está aqui para bater no cara. Vamos respeitar o espaço de cada um. Eu dei espaço para você falar, não dei?

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Por favor, vamos escutá-lo.

AIRTON DE ASSIS – Vou falar do plano operacional.

Vários taxistas trabalham de diversas formas. A praça Pick Up é uma praça de aplicativo. Não é especificada como “praça da Uber”. Se, porventura, um taxista pegar uma corrida no 99, no inDrive ou em outro aplicativo, creio que um fiscal não tem autoridade para multar o taxista por parar ali. Por quê? Porque há um inciso que diz que existe a liberdade de uso e operação de tecnologia de conexão entre clientes e profissionais devidamente licenciados pelo poder público local, sendo vedada a conexão com motoristas sem licença. O que acontece? A praça Pick Up do aeroporto é uma praça de aplicativo, há uma placa indicando isso. Então, o táxi não pode agregar por meio dos aplicativos? Essa é a pergunta.

Quando eu fui pegar uma corrida pelo aplicativo, eu expliquei e mostrei isso para um auditor que concordou comigo. Mas eu pedi a ele que passasse isso para os outros auditores, porque muitas vezes eles pensam que o táxi tem a obrigação de pegar passageiros apenas na fila de táxi. Hoje o taxista precisa ser tudo. Ele não pode ser apenas uma coisa. Não podemos ficar parados no tempo, precisamos avançar. Infelizmente, há certas coisas que precisam ser ajustadas.

Muito obrigado, deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado.

Vamos escutar a opinião das pessoas. Como parlamentar e legislador eu também tenho a minha opinião e a mencionarei aqui.

Passo a palavra ao Fernando Santos, taxista.

FERNANDO SANTOS – Cumprimento a mesa na pessoa do deputado.

Em relação ao aumento, se hoje retirássemos a bandeira 1, que atualmente tem o valor de R\$2,85 por quilômetro rodado, e deixássemos apenas a bandeira 2, isso daria um aumento de 35%. Precisamos fazer um estudo sobre um aumento futuro, pois há muitos anos pedimos isso. Hoje há a promessa de um estudo. Antes, nem em relação a isso éramos ouvidos.

Também precisamos discutir a liberação da faixa do BRT para táxis, especialmente para nós que moramos em Santa Maria. Em Taguatinga e Águas Claras pegamos muitas corridas de passageiros que precisam chegar a suas casas, tomar um banho. Não foi 1 vez, nem 2 vezes, já cansei de pegar um passageiro aqui, no centro, e ele me pedir que aguardasse na garagem para pegar a mala e voltar para o aeroporto, porque o carro dele ficou na garagem – no horário de pico, não dá para chegar em casa, tomar banho, pegar a mala e chegar ao aeroporto a tempo.

Na Saída Sul, em Santa Maria, quem mora no Valparaíso não tem esse serviço. Nós, taxistas, somos profissionais e dirigimos tão bem quanto os motoristas de ônibus. Por quê? Qual o perigo? Se nós estamos na frente de uma carreta, com passageiro, ou se estamos na frente de um ônibus cheio de passageiros, qual a lógica de não liberar aquela faixa, que fica abandonada? Todo mundo fica preso no trânsito. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Fernando, pela observação. Na minha opinião, não é lei ainda, realmente é algo que pode ser visto. É claro que há a parte técnica de mobilidade que precisa ser revista. Não sou especialista em mobilidade.

Eu vou falar para vocês que existe a mobilidade do parlamento, a mobilidade da Polícia Civil, da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros – todos rodam nessas faixas e muitos deles são veículos pequenos também. Então, é algo a ser estudado para verificar a possibilidade de dar mais agilidade ao taxista no trânsito.

Concedo a palavra ao Geraldo Cirilo Pêgo, taxista.

GERALDO CIRILO PÊGO – Eu cumprimento todos da mesa, vou fazer um relato.

Meu nome é Geraldo Cirilo Pêgo, tenho 55 anos de carreira como taxista. Agora estou com um problema sério e gostaria de pedir que me ajudassem. O que acontece é o seguinte: esse tempo todo, eu fiquei sem poder trabalhar, porque eu fiquei doente, capotei o carro e não pude mais arrumar o carro. Arrumaram o carro para vender ao rapaz que consertou. Não pude fazer isso, porque a fiscalização não aceitou que eu vendesse o carro, porque havia 90 dias de punição para mim, porque eu deixei de renovar a matrícula por um tempo. Eu achei que esse negócio não estava certo, não poderiam fazer isso. Eu tinha um jeito de vender o carro, entendeu? Também prenderam minha placa, não posso vender com a placa por causa da punição dos 90 dias.

Então, eu estou aqui para alguém levar isso em consideração e pedir que façam alguma coisa, não só para mim, como para outros também que vão cair no mesmo caso que o meu. Eu preciso mesmo vender esse carro para cuidar de outras coisas, porque eu não vou poder trabalhar sem a placa. E não posso ficar sem a placa porque ela é a única coisa que eu tenho na vida. Se acabarem com ela, não poderei nem comer. Não sei o que pode acontecer!

Para terminar a minha fala, eu gostaria de pedir que encontrem um jeito de liberarem isso para mim. Preciso transferir a placa para o meu filho trabalhar. Preciso vender o carro para aceitar outros negócios. O cara que consertou o carro quer comprá-lo, mas não pode porque não posso dar baixa do carro no Detran. Não posso transferir a placa porque passou o prazo de 90 dias.

É isso que tenho a dizer.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Qual o número da autorização do senhor?

GERALDO CIRILO PÊGO – 1534-A.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Estão verificando: 1534-A. É isso?

GERALDO CIRILO PÊGO – Isso. Eu trabalho há 52 anos com essa permissão. Agora, estou doente. Além de capotar o carro, estou nessa situação. Estou aqui pedindo para verem o que podem

fazer por mim e por outros que caírem no mesmo caso que o meu. Agradeço a todos que puderem fazer alguma coisa.

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, senhor Geraldo. O pessoal está verificando a situação do senhor.

Concedo a palavra a José do Carmo, taxista. (Pausa.)

Concedo a palavra ao Reginaldo Soares, Régis, meu conterrâneo de Sobradinho.

REGINALDO SOARES – Boa tarde. Cumprimento o deputado, todos os componentes da mesa e os nossos colegas taxistas. Está bem claro o que todos estão pedindo aqui. Vou trocar a minha fala por uma pergunta ao subsecretário. O que nos falta para trazer a bandeira 2 de dezembro novamente?

WALISSON PERÔNICO – Essa demanda não havia chegado até mim, chegou hoje. Eu vou pegar essa demanda e vou conversar com o secretário Zeno. Vou procurar saber o que ele acha e entrarei em contato com vocês.

Essa demanda ainda não havia chegado. Havia chegado somente a demanda do reajuste, sobre a qual eu, o Araújo e o Sued já havíamos conversado. Nós estávamos esperando o estudo do reajuste, que vocês iriam apresentar à secretaria. Essa demanda chegou para nós agora. Eu e o secretário Zeno vamos olhar o caso e voltarei a falar com o Araújo, que passará uma posição a vocês. (Palmas.)

REGINALDO SOARES – Eu quero deixar claro que não queremos aquela bandeira que é trocada durante o trajeto. Passa em um lugar, troca a bandeira; passa em outro lugar, troca a bandeira. Não. Queremos a bandeira 2 no mês de dezembro, que corresponde ao 13º dos taxistas, a que tínhamos direito e que foi cortado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Reginaldo.

Concedo a palavra ao Johnnes Fernandes, taxista.

JOHNNES FERNANDES – Boa tarde a todos. Cumprimento a mesa. Peço ao senhor Artur que reveja a crítica aos taxistas no aeroporto que teriam xingado os fiscais. No momento em que aconteceu a situação, eu estava presente. Doutor Artur, nós, em momento algum, xingamos os fiscais. Os taxistas, num momento de alteração, devido à presença da presidência, falaram para os fiscais fiscalizarem os piratas. Em nenhum momento xingaram ou destrataram os fiscais. Eles estavam falando do presidente. Peço desculpas ao senhor.

Além disso, eu tenho o áudio de um prefeito que pegou um Uber do CICB para o hotel, que vou mostrar a vocês.

(Apresentação de áudio.)

JOHNNES FERNANDES – Devido à escassez de transporte na frente dos eventos, esse foi um dos casos que aconteceu. Muitas vezes em que o senhor Wesley organiza os eventos, nós ficamos na frente com o táxi, mas em outras vezes não estamos. O que acontece? Tomam conta e acaba acontecendo isso com o turista, com pessoas que vêm a eventos grandes em Brasília.

Quero ressaltar que sou taxista há 16 anos. Meu pai foi assassinado no táxi quando eu tinha 8 anos. Vários taxistas aqui o conheceram.

Nesse momento, eu venho pedir socorro, pois saio de casa na segunda-feira e trabalho até sexta-feira sem voltar para casa. Meu dia para ir para casa é na sexta. Isso ocorre porque é necessário. Além de trabalhar como taxista, sou motorista socorrista de ambulância e faço alguns plantões quando estou de escala. Nas minhas horas vagas, eu trabalho no táxi. Mesmo assim, ainda está difícil pagar as dívidas.

Peço ajuda em relação à questão da bandeira 2 para que possamos ter um suporte nesse sentido.

Além disso, eu gostaria de abordar a fiscalização nos eventos. Lembro do ocorrido no “boa noite”. Ou era “boa morte”? Uns motoristas de Uber quase bateram nos nossos amigos motoristas no Funn Festival. Quando o auditor foi falar com os líderes, na ausência da polícia, como o Ranolfo falou, foi dito a eles que eles deveriam ter um ofício para que os livres pudessem ficar na porta dos eventos. Aí juntaram mais de 10 pessoas em cima dos fiscais. Os fiscais ficaram com medo. Os taxistas foram defender os fiscais, e quase se gerou um conflito entre eles.

Peço mais fiscalização na área do aeroporto e da rodoviária. Eu já fui uma pessoa que quase entrou em vias de fato com alguns piratas na rodoviária. Meu pai foi taxista e morreu dentro de um táxi, assassinado. Por isso, não aceito que alguém queira agredir taxistas mais velhos, como aconteceu recentemente com o Vasco, um taxista amigo nosso que foi agredido na rodoviária. O Vasco foi agredido.

Peço esse apoio em relação ao BRT.

É isso que eu gostaria de falar. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado.

Eu gostaria de deixar registrado o meu Instagram para quem desejar me seguir: @joaocardosobrasilia. Estarei lá sempre pegando suas opiniões e reclamações. Peço que me fiscalizem.

Passo a palavra ao Adir, taxista.

ADIR SOUSA SANTOS – Boa tarde, senhores. Sou Adir Sousa Santos, taxista há 4 anos. É um prazer estar aqui com taxistas mais antigos. Quero cumprimentar a mesa, os deputados, os secretários e os demais presentes.

Já está mais do que redundante falar sobre o aumento da tarifa. Eu trouxe alguns números para demonstrar o descaso com os valores em Brasília. Infelizmente, estamos há 8 anos sem aumento da tarifa. Isso, para mim, foi uma inércia de algum representante da categoria. Temos que deixar isso bem registrado. Por quê? O aumento de tarifa tem que ser provocado. Alguém tem que ir aos órgãos e apresentar uma planilha solicitando esses aumentos.

Há algo que mudou muito nesses 8 anos: os carros de hoje são mais tecnológicos e exigem mais manutenção. Os carros de hoje, para terem garantia, têm que ter manutenção, têm de ter revisão periódica, e isso traz um custo para a tarifa do táxi. Muitos táxis... Antigamente, o cara comprava um carro econômico, barato e só colocava gasolina. Ele não fazia revisão, aproveitava óleo usado. Eu já ouvi esses comentários de que a pessoa usava óleo usado para não gastar na troca de óleo. Então, os carros de hoje são mais tecnológicos, têm um custo alto. Precisariamos ter esse aumento.

Eu trouxe alguns números, deputado e colegas. Se nós tivéssemos, a cada ano, um aumento de 5%, em 8 anos, teríamos 48%. A tarifa, que hoje é R\$2,85, estaria R\$4,20 na bandeira 1; na bandeira 2, que é R\$3,85, estaria R\$5,41, que é a média do quilômetro rodado na bandeira 2. Perfeito? Então, se tivermos agora um aumento de 40%, concedido pelo governador, nós já estaremos com esse valor defasado. Correto?

Outro item é em relação ao combate à pirataria. Eu ouço muito falar que o pirata cobrou x ou y. Ele pode cobrar a metade do preço e ainda assim está errado. Ele está errado! Entendeu? (Palmas.)

Ele pode levar o passageiro pela metade do preço. Ele roubou a corrida do taxista. Então, isso não justifica. Além de ele ser pirata, ele paga mais.

Mas aí há um problema sério: o que levou a haver pirataria em Brasília? Se você chegar a um evento, você não sabe distinguir um táxi de um pirata. Por quê? Mais de 50% dos taxistas não querem identificar seu carro. Eu pego como exemplo o carro do presidente do sindicato: ele não é caracterizado.

O turista está sendo punido por nós mesmos. Por quê? Vejam bem: a pessoa está pela primeira vez em Brasília. Ela vai ver escrito "livre" no veículo. Ela vai entrar no carro, vai achar que é um táxi livre. O turista veio passear. Ele está na capital da República. Ele acha que tudo está correto e é surpreendido por esse valor. Quem não quer confusão paga; quem tem mais pulso briga e, dependendo, vai para a polícia.

Trago a questão e trago uma sugestão de solução.

Onde está a Semob? Quem é o representante da Semob? (Pausa.)

Subsecretário, o Zeno vem fazendo um excelente trabalho, está participando dos eventos, acompanhando e dando apoio a nós no aeroporto. Que ele caracterize os carros.

No Rio de Janeiro, o carro pode passar lá do outro lado do Buriti, mas você viu que passou um táxi porque ele é amarelo com a faixa azul. Em Curitiba, o carro é laranja com uma faixa. Em Brasília... Os taxistas que me desculpem: "Não, o táxi é placa vermelha". Ninguém vai procurar táxi com placa vermelha. Poupe-me. Nós temos culpa nisso também.

É necessário levar uma proposta urgentíssima ao secretário Zeno para caracterizar os carros e combater a pirataria. Já existem pessoas discordando, mas tudo bem. Não tem como. É fazer pela metade.

Eu trouxe um número, senhores. Uma corrida do aeroporto Congonhas ao Ibirapuera, pelo Uber... O Uber, em São Paulo, tem a opção de chamar o X e chamar o táxi. Uma corrida deste local custa R\$30,00. Na mesma plataforma, dentro do Uber, ele paga R\$18,00. Esta mesma corrida em Brasília custa R\$18,00, ou seja, o nosso táxi está a preço de Uber em São Paulo. Uber X. Como eu falei: o Uber seria R\$18,00, e o táxi, dentro da plataforma, R\$30,00. Só que o usuário pede táxi porque lá eles têm o custo...

Concluindo, que façamos a nossa parte, caracterizando os carros, e que os deputados, dentro do que for possível, nos socorram neste aumento de tarifa, porque está vergonhoso.

Obrigado a todos.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Adir.

Passo a palavra ao último inscrito, depois passaremos às considerações finais, porque temos hora para terminar.

Concedo a palavra ao Danylo, Frennataxi.

DANYLO SHIMANO – Boa tarde a todos. Cumprimento toda a mesa na pessoa do deputado João Cardoso. Eu falo pela Frente Parlamentar Nacional do Táxi do Congresso Nacional.

Eu gostaria de comentar sobre algumas vitórias que tivemos no ano passado para todos os taxistas, não só de Brasília, mas do mundo todo, que foi a reforma tributária. Isso é importante porque os taxistas hoje já pagam muito, não só pelos carros, mas também pela manutenção, com muitos custos, inclusive o custo da transferência e do alvará, que já é muito caro. E, agora, os taxistas, que já tinham a isenção do IPI, agora também terão a isenção dos novos impostos com a reforma tributária, que são o IBS e o CBS, acumulando com o ICMS e PIS, Cofins. Esta foi uma grande vitória que tivemos no Congresso Nacional. A outra vitória foi o programa Acredita, pois agora os taxistas vão ter uma linha de crédito especial para comprar carros. Além disto, esta linha vai poder ser utilizada para manutenção de carros também.

Eu gostaria de falar sobre uma denúncia que faremos na próxima semana à Infraero para reportar estes escândalos que estão ocorrendo sobre carros piratas nos aeroportos. Peço a ajuda do deputado para que contribua com esta denúncia e também estenda esta fiscalização ao DER, com o Fauzi, ao Detran, com o Takane, e à Polícia Militar, que deve fiscalizar essa circulação de carros piratas.

Eu gostaria de falar sobre um projeto que já foi aprovado na Câmara Legislativa, o Projeto de Lei nº 937/2020, de autoria do deputado Fábio Félix, sancionado como a Lei nº 6.677/2020, que trata sobre os pontos de apoio. Aprovada em 2020, essa lei enfrenta vários problemas. Na prática, ela apresenta aspectos que a tornam impossível de ser cumprida.

Havia várias reclamações. A lei pedia vários e vários requisitos, que a impossibilitaram de realmente ser efetiva. Peço, portanto, a ajuda do deputado. Eu fico à disposição, assim como a frente parlamentar também fica à disposição para que nós possamos melhorar essa lei, para que haja um ponto de apoio para o taxista, para que ele, independentemente de onde esteja, não só na região central de Brasília, mas também nas regiões administrativas, possa usufruir de um ponto de apoio, com espaço para refeições e instalações sanitárias, onde ele possa comer ou tomar um banho, por exemplo. É importantíssima a reformulação dessa lei.

Dito isso, concluo a minha fala. Muito obrigado. Mais uma vez, eu agradeço.

(Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Obrigado, Danylo. Eu não sabia que existia uma frente parlamentar na Câmara dos Deputados. Isso é muito interessante.

Paulo, depois poderia pegar o contato dele, para nós trocarmos ideias sobre a experiência deles na área federal.

Concedo a palavra ao Wesley Alves, por 30 segundos.

WESLEY ALVES – Obrigado.

Sobre os auditores que o colega falou, quero deixar bem claro que, no Funn Festival, esses auditores iriam ser agredidos por alguns motoristas de livre. Chamei os policiais e falei aos auditores

fiscais da Sufisa que estávamos precisando de apoio. Os mesmos policiais me responderam da seguinte forma: "O que é isso?" Falei: "Uma subsecretaria de fiscalização do sistema de transporte do Distrito Federal". Eles falaram: "Nunca ouvi falar". Ou seja, nem a polícia está sabendo quem são vocês. Eu faço parte de reuniões do Ciob, que combate essa pirataria. Eles falam, falam, falam, mas até hoje eu não vi uma ação.

No Na Praia, eles têm um horário de trabalho. Às 2 horas da manhã, vão embora. A hora de saída do evento é das 2 às 3 horas. Ou seja, se for para trabalhar nesses horários, então o taxista terá de ir para casa 1 hora da manhã, porque não terá mais nada para fazer, já que os livres vão fazer a festa. Ninguém quer saber de realmente fiscalizar. Não estão fiscalizando. Eles dizem que vão, fazem todo aquele aparato, chamam a polícia, há um gasto da Polícia Militar e do Detran, mas, às 2 horas da manhã, todo mundo vai embora.

Eu cansei de andar para lá e para cá pedindo ao Detran para retirar os livres que ficam na entrada dos eventos. E eles respondem: "Eu não estou aqui para isso, eu estou aqui para orientar o trânsito". Ou seja, das 4 viaturas numa noite, nenhuma está lá para isso. Eles dizem que vão fazer, mas não o fazem.

Para finalizar, quero falar sobre o que o colega falou.

Em Brasília, a Uber não cadastra o táxi. Há taxista na Uber? Se sim, expliquem-se, pois está errado. Não pode. Isso configura cadastro falso. Ele defende que haja motorista de Uber. Ele vem aqui querer defender a Uber, eu não estou aqui para defender a Uber, não. Eu sou taxista raiz e vou morrer assim. Aqui, o debate é sobre táxi, não é sobre aplicativo. O aplicativo já tem um monte de gente para defender. Por isso que ele veio fazer essa defesa.

Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Passo a palavra ao Artur, do Sindafis, para as suas considerações finais. Depois vou fazer as considerações finais e terminamos a nossa sessão.

ARTUR CARLOS DE MORAES – Só para dar uma informação. Em 2002, um decreto do governador Roriz estabeleceu que a fiscalização de transporte seria executada por 382 auditores. Nós estamos em 2024, somos 120. O pessoal da noite são 3 – 3 auditores trabalham noite e madrugada. Há um concurso finalizado, com aprovados, tem 180 aprovados, 60 já fizeram curso de formação, ninguém foi chamado ainda. Há orçamento aprovado para chamarem 30 este ano, ninguém foi chamado. Eu informei pelo sindicato ao secretário Zeno qual seria o mínimo para trabalharmos hoje com tudo que nós temos: 285. Somos 120.

A prioridade, infelizmente, é o transporte coletivo de ônibus. É a prioridade da fiscalização, porque não tem pessoal. Não adianta, eu não tenho como criar. O que tem que fazer é o quê? Contratar. Existe concurso feito, existem pessoas aprovadas e existe orçamento aprovado. É preciso contratar.

Eu concordo, tem que fiscalizar, sim. Contra a pirataria, nós temos uma lei que é da década de 1990 e estabelece multa de 2 mil reais; na reincidência, 4 mil reais. Essa lei foi considerada inconstitucional pelo TJ, e este ano o Supremo disse que ela é constitucional. Tudo o que tínhamos, temos que recomeçar. Tudo. Até o pessoal tem que ser treinado para fazer isso, mas não tem gente.

Quando eu disse que vocês evoluíram, foi politicamente, pela força. Lembro-me muito bem do Manoelzinho aqui e acho que o João pode assumir esse trabalho defendendo vocês. Ele tem toda a competência, interesse e é da família taxista. Nesse vocês podem confiar. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Ok, obrigado Artur.

Concedo a palavra ao Erick. Serão 30 segundos, apenas para finalizar.

ERICK EDUARDO RODRIGUES – Rapidamente aqui, falamos muito sobre eventos, mas eu quero deixar a necessidade que muitos taxistas têm de trabalhar todos os dias em alguns pontos específicos. Por isso chamo a atenção do Walisson, chamo a atenção do nosso auditor. São a 202 Sul e a 202 Norte, onde estão os principais bares, o Resposta, o Mercadito. Muitos turistas que vêm dos setores hoteleiros frequentam esses bares. A quadra toda é lotada por esses livres a ponto de nenhum táxi conseguir parar. Outro ponto é o Pontão do Lago Sul.

Para finalizar minha fala. Adir, Brasília é diferente de outras praças. Nós precisamos de carros executivos que não precisam ser caracterizados, porque nós temos sistemas jurídicos onde há pessoas que preferem carros que não sejam tão expostos para que elas possam ser atendidas.

Essa é a minha fala. Eu agradeço. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – É aquele negócio, gente, começamos a conversar, começamos a entender.

Eu já estava aqui sem entender por que havia carros que não eram caracterizados. Você acabou de colocar, e eu comecei a imaginar que realmente existe fundamento, mas são coisas dentro da legalidade. Agora eu entendi. Eu perguntei por que não são caracterizados. Você acabou de colocar que há situações desse tipo.

Estamos finalizando a nossa comissão geral. Eu quero aqui agradecer a todos vocês.

Sobre isso que o Artur falou do sindicato, temos um concurso de auditores fiscais pronto, como ele falou. Eu tenho defendido isso aqui. Eu defendo 89 carreiras. Falta fiscalização, falta mão de obra. Prestem bem atenção, por favor, no que eu vou falar: falta também informação.

Há algumas observações que eu vou fazer aqui e já finalizo.

Quero passar aqui que temos 3.400 permissões. Desses 3.400 permissionários, arredondando, de 800 a 1.000 devem estar rodando, talvez. Então, temos muitos permissionários que não estão rodando. Eu conheço um permissionário que está desde a época do meu pai, é servidor público muito bem remunerado e sempre teve a permissão para adquirir um carro novo com todos os seus benefícios.

Nós temos hoje 44 mil aplicativos funcionando, rodando dentro do Distrito Federal. Eu dei o exemplo de dentro da minha casa, do Corolla da minha esposa, com o meu filho, quando falei: "Descadastra agora". Dentro desses 3.400, se há 800 rodando, temos 2.600 permissões que estão servindo, pelo que eu estou entendendo, apenas para a aquisição dos benefícios. Isso é um absurdo. Nós temos que criar, subsecretário, uma forma de fiscalizar esses carros. (Palmas.)

Se o senhor que estava aqui sentado, o senhor Geraldo, por acaso – espero que o senhor viva muitos e muitos anos... Vou dar o exemplo com o Régis. Se o Régis, por acaso, leva um tombo naquele ponto de táxi do Sobradinho, que foi mal feito, quebra as 2 pernas, não vai quebrar, e eu identifico que o carro dele não está rodando, porque está impedido de rodar, é uma coisa. Se eu identifico que o cidadão não está utilizando o carro, não está rodando na praça, vocês vão ter que criar uma forma de fiscalizar essas 2.600 permissões que estão paradas só para a aquisição de automóvel.

Tem que se criar de alguma forma de fiscalização.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Calma. Isso é o que vocês vão propor. Tem que se criar uma forma de fiscalizar isso. É um absurdo o que está acontecendo.

Ele me falou de um cidadão que chegou lá com o carro das galáxias, carro de mais de 300 mil reais. Simplesmente notaram claramente que o cidadão não utiliza a permissão. Se não utiliza a permissão, ela tem que ser cassada.

Vocês têm que permitir também que a secretaria crie essa forma de fiscalizar. Se há hoje 44 mil aplicativos à Bangu... porque é à Bangu. Vocês falaram muito bem aqui. Eu lembro até hoje. Os camaradas vinham de terno, balinha, aguinha. Isso agrada, gente, agrada; mas hoje é à Bangu. Quando eu falo "à Bangu", não tem nada a ver com o bairro do Bangu, nem com o time do Bangu, quer dizer que é feito de qualquer jeito. Pronto, melhorei a minha fala.

Eu falo para os meus filhos: "Abram os olhos. Se baterem o olho e desconfiarem, dispensem na frente do camarada, na hora, seja por aplicativo ou táxi". Mas, se for táxi, isso não vai acontecer. Hoje há pessoas atendendo de bermuda, de chinelo. Está bagunçado. Cabe ao Poder Executivo fiscalizar esses 44 mil carros por aplicativo que estão rodando no Distrito Federal. Muitos deles não estão cumprindo as normas que foram votadas nesta casa – lembro-me até hoje – há muitos anos, há 9 anos, não é isso? Tem que haver fiscalização, porque isso está prejudicando os taxistas e o usuário. Isso é muito claro. A diferença é muito grande.

Eu tenho andado em vários estados. Amanhã estou indo para São Paulo, representar a Câmara Legislativa em razão de uma lei que aprovamos, a primeira lei brasileira do *self storage*, que significa guarda-volumes, aqueles armários que você aluga temporariamente. O Distrito Federal foi o único estado que aprovou, o único estado em que os parlamentares não foram cooptados – normalmente, quando a lei está prestes a ser aprovada, alguma coisa acontece; vocês já imaginam o que deve ser. Eu estarei lá para dar uma palestra. Quando vou a São Paulo, sempre observo o transporte, assim como em outros países também.

Há países que eu já visitei em que existem os táxis e os carros por aplicativo, e a maioria dos carros são de primeira qualidade. Eu não entendo muito de carro, então perguntei para Sued qual era aquele da Corolla fechadão. Ele respondeu: "O SW4?" Falei: "Exatamente". Em muitos lugares que eu fui, o padrão é aquele ali. São carros bacanas, de 7 lugares, carros *top*. E vocês merecem isso, podem adquirir. Tem que se mudar essa lei.

Em outro país que eu fui, todos os carros eram Corolla, todos os carros eram de última geração. Isso era padrão. Você entrava no carro, era uma coisa de louco. Minha esposa falava: "Meu Deus, que diferença!" É isso que tem que acontecer aqui. Havia Corolla tipo SW4, que dei como exemplo, mas outros carros também. Eles chegavam e eu ficava abismado, eu comentava com as pessoas que trabalham comigo. Ficávamos abismados com a qualidade do serviço. Por quê? Porque são carros bons, com os descontos que vocês têm direito.

Outra coisa que eu já vou cobrar – tudo isso vai ser compilado e enviado para a Secretaria de Transporte – é campanha informativa, que está faltando. Quando irá começar a campanha informativa? Se você pegar um Uber de chinelo, sei lá... Claro que a publicidade do GDF, Alisson, é que vai criar isso. A publicidade vai avisar à comunidade para não pegar e denunciar aquele taxista, aquele carro por aplicativo, na hora. Há um espaço para avaliação ali. A pessoa deve olhar, não entrar no carro e denunciar, na hora. "O cara estava assim, assim, assado".

Um dia estávamos rezando em minha casa – professo a fé católica –, e uma senhora me perguntou: "João, como eu faço, tenho que ir embora e não vai dar tempo de meu marido vir me buscar?" Sabem a estrada que vai para a Rota do Cavalo, na entrada do Atacadão Dia a Dia? Ela mora lá. Eu falei que sairia mais em conta se eu pedisse um Uber ou um táxi para ela. Os meus filhos falaram que havia um Uber próximo, e eu falei para eles pedirem. Ela entrou no carro. Quando o camarada entrou ali na rua do Dia a Dia, ele começou a xingá-la todinha. Ele a xingou dizendo que aquele não era um lugar para ele ir. Depois de uma semana ela veio me contar isso. Eu entrei no aplicativo, falei tudo o que eu tinha que falar e subscrevi. Mas ela deveria ter me falado isso no dia, quando chegou em casa. Se ela tivesse me falado no dia, eu teria feito uma ocorrência policial e algo teria acontecido com esse bandido! Que falta de respeito com uma senhora! E ela ainda falou: "Moço, eu te ajudo com mais alguma coisinha". Ela ficou com medo e me disse que tremia de medo.

Então, gente, tem que haver uma campanha informativa. O GDF tem que fazer isso, tem que mostrar quais são os táxis e os aplicativos sérios. Se não está sério, tem que cassar a licença – a empresa do aplicativo tem que ser punida, Walisson. Isso vai ter que aparecer.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Isso tem que ser denunciado, mas é preciso fazer uma campanha informativa, porque as pessoas estão achando que, se está assim, é porque pode. Antes os motoristas andavam todos de terno, eram uns caras bacanas de terno que apareciam. O pessoal achou que era um negócio bacana, mas o aplicativo virou a casa da mãe... Não vou falar que é da mãe Joana, porque tudo agora vira polêmica. Minha mãe se chama Josefa, então vou dizer que é a casa da mãe Josefa.

Devemos desenvolver um aplicativo padrão para todos os taxistas. Isso, sim, um aplicativo que seja monitorado pelo GDF e que sirva para todos. (Palmas.)

Foram feitas muitas observações hoje. Uma delas diz respeito às taxas. Já pedi para a minha assessoria me enviar os valores. Outros estados têm taxas diferentes, sim – bem diferentes. Então, acho que precisamos construir isso junto com o sindicato, com as associações e com vocês.

Eu não cobro nada, não peço nada a ninguém e não estou pedindo nada a vocês. Eu estou aqui me colocando a serviço de vocês. Eu não estou fazendo favor nenhum para vocês – zero! "Ah, o deputado João Cardoso foi legal em fazer uma comissão geral para nós, ele nos escutou lá." Não, isso é obrigação do parlamentar. Porém, se vocês querem uma pessoa para defendê-los, se querem um parlamentar para defender a categoria, vocês têm em mim o filho de um taxista. Eu vou acompanhar, paulatinamente, todos os atos. E tudo o que foi falado hoje nós vamos notificar e vamos passar uma cópia para vocês.

Vamos distribuir para vocês, no final desta reunião, uma lembrancinha, uma coisinha simples, referente ao Novembro Azul – meninos, vamos nos cuidar! Nessa lembrancinha vai ter o meu Instagram e o meu telefone particular, cujo número é: 99991-0913. Não há uma vez que estas pessoas que estão compondo a mesa me mandem uma mensagem – escrita – que eu não responda imediatamente. Eu respondo. Então, entrem no Instagram @joacardosobrasilia e critiquem se eu não responder vocês. Passem suas ideias pelo Instagram.

Eu e minha equipe do Gabinete Móvel usamos esta roupa laranja. Vocês vão ver que meu cartão tem a mesma cor. Você sempre vê nosso gabinete móvel passando pela Rodoviária, não é, Régis? Quando passo pela Rodoviária, uso esta mesma roupa, para as pessoas me verem de longe e me demandarem. Então me demandem! Estou aqui para ser cobrado, para ser fiscalizado por vocês e para fazer aquilo que vocês estão precisando com o Governo do Distrito Federal, com o sindicato, com as associações. Por favor, demandem-me. Passem nos grupos de vocês: "Entrem no Instagram do deputado João Cardoso e mandem ficha". A assessoria e eu vamos pegar todas as demandas de vocês – tenho certeza de que muitas outras virão – e compilá-las até chegar a um modelo em que possamos ter a excelência do transporte de táxi no Distrito Federal.

Por favor, façam isso, fiscalizem.

Agradeço a Deus por essa oportunidade.

Nunca imaginei na minha vida que apenas... Como é o seu nome mesmo?

CRISTIANO TELES – Teles.

PRESIDENTE (DEPUTADO JOÃO CARDOSO) – Nunca imaginei, Teles, que, além de lavar o carro do meu pai todo dia e toda noite – com a graça de Deus, lavei e ele nos criou –, um dia estaria presidindo uma sessão como esta, defendendo a categoria que ajudou a criar meus 4 irmãos, minha mãe e todos nós. Fico feliz. (Palmas.)

Se vocês querem um padrinho, vocês terão um padrinho. Serei o padrinho de vocês. O padrinho cuida bem do afilhado, tem carinho pelo afilhado, olha pelo afilhado e atende o afilhado quando o afilhado precisa. Podem contar comigo.

Agradeço a todos da mesa, ao Governo do Distrito Federal, na pessoa do nosso governador Ibaneis Rocha. Que o governador possa levar todo o debate para o nosso secretário Zeno e que tudo isso que fizemos aqui não tenha sido inválido, porque vamos cobrar! Podem ter certeza disso.

Sigam-me lá e me cobrem.

Que Deus abençoe a todos!

Agradeço a presença de todos, dos convidados, das autoridades que honraram a Câmara Legislativa do Distrito Federal com suas presenças.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a sessão ordinária que originou esta comissão geral às 18 horas e 30 minutos.

(Levanta-se a sessão às 18h30min.)

Observação: Nas notas taquigráficas, os nomes próprios ausentes de *sites* governamentais oficiais são reproduzidos de acordo com a lista disponibilizada pelo Cerimonial desta casa ou pelo gabinete do deputado autor do requerimento de realização de cada evento; os nomes não disponibilizados são grafados conforme padrão ortográfico do português brasileiro.

Siglas com ocorrência neste evento:

ASTDF – Associação dos Taxistas do Distrito Federal
ASTDF – Associação dos Taxistas do Distrito Federal
BRT – Bus Rapid Transit; em português, Ônibus de Trânsito Rápido
CBS – Contribuição sobre Bens e Serviços
CICB – Centro Internacional de Convenções do Brasil
Ciob – Centro Integrado de Operações de Brasília
Cofins – Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social
Coobrás – Cooperativa dos Condutores Autônomos de Brasília
DCP – Departamento de Concessões e Permissões
DER – Departamento de Estradas de Rodagem
Detran-DF – Departamento de Trânsito do Distrito Federal
EPNB – Estrada Parque Núcleo Bandeirante
Frennataxi – Frente Nacional do Táxi
GDF – Governo do Distrito Federal
IBS – Imposto sobre Bens e Serviços
ICMS – Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre a Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicações
Infraero – Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados

MEI – Microempreendedor Individual
OAB-DF – Ordem dos Advogados do Brasil, seccional do Distrito Federal
PIS – Programa de Integração Social
Semob-DF – Secretaria de Estado de Transporte e Mobilidade do Distrito Federal
Sinpetaxi – Sindicato dos Permissãoários de Táxis e Motoristas Auxiliares do Distrito Federal
Sufisa – Subsecretaria de Fiscalização, Auditoria e Controle
SUV – Sport Utility Vehicles; em português, Veículos Utilitários Desportivos
TJ – Tribunal de Justiça

As proposições constantes da presente ata circunstanciada podem ser consultadas no [portal da CLDF](#).



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516, Chefe do Setor de Registro e Redação Legislativa**, em 01/11/2024, às 16:04, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:
http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0
 Código Verificador: **1890181** Código CRC: **130F09F2**.